

HOMENAGEM A PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS FALECIDOS EM ACIDENTE

"ONTEM, AGORA E SEMPRE PRESENTES!"

**COLETIVO DE
PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS
DA EDUCAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ**



EDITORA
SCHREIBEN

HOMENAGEM A
PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS
FALECIDOS EM ACIDENTE

"ONTEM, AGORA E SEMPRE PRESENTES!"



Livro em homenagem à/ao
Andreia Lemes Santana
Aparecida Lúcia da Cunha
Ederson Camiloti
Joana D'Arc Franco Bertoni
Lucilene Prates Tomaz Saidler
Silvia Regina Gomes



EDITORA
SCHREIBEN

2024

© Fábio Antônio Gabriel - 2024
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: S.b.seo - Freepik.com
Revisão técnica: Fábio Antônio Gabriel
Livro publicado em: 12/12/2024
Termo de publicação: TP1032024

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).
Os artigos e entrevistas presentes nesta coletânea são de responsabilidade exclusiva de cada autor ou entrevistado.*

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H765

Homenagem a professores e funcionários falecidos em acidente “Ontem, agora e sempre presentes” / Organizadores: Coletivo de professores e funcionários da Educação do Norte do Paraná --Itapiranga : Schreiben, 2024.
64 p. : il. ; E.book
E-book em formato PDF

EISBN: 978-65-5440-362-7
DOI: 10.29327/5461680

1. Homenagem. 2. Professores e funcionários da educação do Norte do Paraná. I. Título. II. Coletivo de professores e funcionários da Educação do Norte do Paraná.

CDD 398.354

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

Prefácio

Recebi o convite para prefaciar esta homenagem aos professores que dedicaram a vida a ensinar, a aprender, a servir, que fizeram diferença e se eternizaram aos olhos de todos aqueles cujo mundo ajudaram a enxergar e a compreender. Unidos pelo nobre objetivo da educação, esses seres humanos, cada um em sua perspectiva, em seu papel, em sua nobre função, dedicou a vida ao bem-estar de outro ser humano.

Em um dia que poderia ter sido como outro qualquer, um acontecimento trágico selou os destinos de todos eles. Vidas interrompidas, mas o legado de cada um, não. Andreia Lemes Santana, Aparecida Lúcia da Cunha, Ederson Camiloti, Joana D'Arc Franco Bertoni, Lucilene Prates Tomaz Saidler, Sílvia Regina Gomes, vocês permanecem vivos em cada conquista da qual foram parte, vivos em nossos corações, vivos em seus exemplos de amor, de cuidado, de ação. Nossa gratidão pela vida dedicada ao servir, ao educar, ao expandir humanidade.

Nesta obra, em entrevistas e artigos, é possível sentir o agradecimento, a amizade, a saudade, a admiração, a marca que cada homenageado deixou, o exemplo de compromisso e a luta pela educação materializados em palavras. O legado permanecerá.

As entrevistas são partilhas de experiências de dedicação, de ação comprometida, de amizade, de lealdade, de valores educacionais e humanos. Colegas, amigos, familiares destacam a trajetória, as conquistas profissionais e, sobretudo, humanas dos homenageados. Juliano César Teixeira e Maria das Graças Oliveira, sobreviventes, relatam a tristeza diante do ocorrido, a confusão do inesperado que mudou, para sempre, o caminho de cada um. Destacam também que “sempre procuramos lutar pelo trabalhador, pela saúde, por melhores condições de trabalho. Essa sempre foi a nossa bandeira, sempre foi o nosso objetivo lutar por um mundo melhor, lutar por uma vida melhor”. E nos convocam para que “possamos nos inspirar na dedicação e no amor que esses profissionais demonstraram em suas vidas, mantendo vivo o espírito de união e luta por um futuro melhor”.

“A vida é um sopro. Saibamos viver cada dia com responsabilidade como se fosse o último, pois o amanhã não sabemos”, disse uma das entrevistadas. Sobre o aprendizado que outra entrevistada teve com as amigas Andreia e Aparecida, falou: “Aprendi com elas a viver o presente, pois não sabemos do amanhã e isso foi bem verdadeiro. Lembro-me do dia em que me despedi delas antes da viagem e a lembrança que ficou foi a alegria de viver”.

Sobre o professor Neguinho, um dos entrevistados compartilhou: “O Professor Neguinho era inteligentíssimo, colaborador assíduo. Era muito divertido, muito divertido mesmo. Era um professor que gostava de política, defendia seus interesses políticos e discutia política. Não conseguíamos ganhar dele. Ele sempre vencía nos debates políticos. Muito divertido. Amava a filha. Tudo que ele fazia, fazia pela filha também. Ele amava a Júlia. Tudo era a filha. Era uma pessoa extremamente divertida, que amava a vida. O Neguinho amava viver”. Professor Neguinho, o senhor continua vivo em nossos corações, em seus ensinamentos que se transformaram em ações em nossas vidas.

A palavra que uma entrevistada definiu a professora Joana D’Arc foi “coragem”. Ela comentou: “A palavra que define a Professora Joana é coragem. Uma pessoa de uma coragem imensurável. Ela não tinha medo de nada. Nem daquilo que, eventualmente, pudesse prejudicá-la. Então, para mim, ela era um exemplo nesse sentido de coragem mesmo. Uma pessoa dinâmica, altruísta, porque ela tinha isso de querer ajudar as pessoas. Então, a minha definição para Joana é realmente de uma mulher de muita coragem, uma mulher que inspirou e inspira”.

A Escola Estadual Santa Terezinha homenageou especialmente a Lucilene: “Por se tratar de uma pessoa muito querida por todos, sua ausência ainda nos assola. Com o passar do tempo, nossa primeira obrigação é de agradecimento a Deus, que nos permitiu o convívio com quem nos auxiliou com sua disposição e esmero, nos ensinando que nenhuma dificuldade poderia ofuscar os resultados de nossa atividade dentro ou fora da escola. Passando pela memória do calvário dos nossos colegas Ederson, Sílvia, Joana e Lucilene, neste momento, me atento à Lucilene, que foi merecedora de uma homenagem especial, por vários motivos, principalmente por ser tão atenta aos problemas dos nossos

alunos e professores, pelo afeto direcionado a cada um de nossa escola, quer atendendo na biblioteca, quer diante da Associação de Pais, Mestres e Funcionários da APMF nas promoções da escola. Mesmo na rotina, podíamos contar com um trabalho que dignificava o nome “Santa Terezinha”. Cabe aqui ressaltar sua presteza e alegria ao acomodar as necessidades educacionais dos nossos alunos e colegas no que era possível no momento, com um carinho sem igual.

Mansidão, quietude, leveza, amizade foram algumas das qualidades que os entrevistados ressaltaram em relação à homenageada Sílvia: “A Sílvia deixou um legado muito grande para todos nós, muito amiga, excelente profissional, totalmente comprometida com a educação. Leverei no coração a alegria de ter sido sua amiga e, sem dúvida, a educação leva na memória a importância de pessoas como a Sílvia, que se doaram pela educação de forma intensa”: “Serei eternamente grata pela caminhada, pela missão. Juntas, buscamos atender aos menos favorecidos na aprendizagem, demonstrando amor acima de tudo pelos nossos estudantes e pela nossa missão...chamada de profissão. Descansa em paz, amiga querida...em tão pouco tempo, cumpriu sua missão”.

O artigo **A importância dos funcionários e professores da educação: uma análise a partir de Dermeval Saviani e Paulo Freire**, em memória aos colegas que faleceram a caminho de uma assembleia de reunião em Curitiba, destaca a importância do papel de professores e funcionários da educação pública na transformação da sociedade. Recordar o falecimento dos colegas é também uma forma de lembrar a função e a importância social de cada professor e professora e funcionário da escola pública para a vida das pessoas, sobretudo as mais desfavorecidas.

Dando seguimento à homenagem, o artigo **A luta sindical perdeu companheiros de luta que nunca serão esquecidos** aborda a falta que os companheiros farão na luta sindical, mas destaca a presença dos homenageados: “Na luta sempre, companheiros que nunca abandonam ou abandonaram a causa estão sempre presentes. Esse é o pensamento, dentro do sindicato, dos mais antigos, sobre os companheiros de luta. Andreia, presente! Aparecida, presente! Camiloti, presente! Joana D’Arc, presente! Lucilene, presente! Sílvia, presente! Miguel Henrique, presente! Para além de lutadores pelas causas sindicais e trabalhistas, eram seres

humanos, sendo pais, mães, tias e tios, assim como amigos e companheiros de trabalho”.

Rubem Alves dizia que ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, aqueles que ensinam e aqueles que colaboram com o ensino continuam a viver nos olhos daqueles que aprenderam a ver o mundo pela magia dos ensinamentos e das experiências compartilhadas. O educador, assim, não morre jamais...

Andreia Lemes Santana, Aparecida Lúcia da Cunha, Ederson Camiloti, Joana D’Arc Franco Bertoni, Lucilene Prates Tomaz Saidler, Sílvia Regina Gomes, vocês permanecem vivos e vívidos em nós e na nossa história. Gratidão.

Mércia Miranda Vasconcellos Cunha
Procuradora do Estado do Paraná em Jacarezinho
Jacarezinho, aos 24 de julho de 2024.

Apresentação

Em um dia trágico que marcou para sempre a história da nossa comunidade educacional, perdemos queridos professores e funcionários em um fatídico acidente de van a caminho de Curitiba. Estavam unidos por um objetivo nobre: lutar por melhorias na educação. Este livro é uma homenagem sincera e profunda àqueles que dedicaram suas vidas à educação e ao bem-estar dos outros.

Em entrevistas emocionantes e relatos tocantes, neste livro buscamos preservar a memória desses profissionais extraordinários. Cada página deste livro é um testemunho da dedicação, da coragem e do amor que eles tinham pela educação e pelos seus colegas.

Os professores e funcionários aqui homenageados eram mais do que apenas excelentes profissionais; eram verdadeiros amigos, companheiros de jornada, sempre prontos para estender a mão e oferecer um sorriso. Suas vidas foram um exemplo constante de empatia, solidariedade e compromisso com o ensino de qualidade. Lutaram incansavelmente por um futuro melhor para todos, acreditando na força transformadora da educação.

Neste livro, damos voz àqueles que foram silenciados de forma tão abrupta. As entrevistas com familiares, amigos e colegas revelam não apenas a trajetória profissional de cada um, mas também a sua personalidade: a professora que era uma verdadeira guerreira, sempre defendendo os direitos de seus colegas e a qualidade da educação; a funcionária dedicada, cujo carinho com os alunos era uma marca registrada e muitos outros cujas histórias de vida e trabalho inspiram e comovem.

Este livro não é apenas uma homenagem, mas um compromisso de manter vivo o legado desses profissionais. Ao lembrarmos suas histórias, reafirmamos a importância de continuar a luta que eles começaram por uma educação justa e acessível para todos. Cada relato, cada memória compartilhada, é uma prova do impacto duradouro que eles tiveram em nossas vidas e na nossa comunidade.

Este livro é para todos que acreditam no poder da educação e na força dos laços de amizade. É um tributo àqueles que deram tudo de si em prol de um ideal maior. Que suas memórias continuem a nos inspirar e a guiar nossos passos, lembrando-nos sempre do valor do compromisso, da dedicação e do amor ao próximo em prol de uma sociedade mais justa solidária e fraterna em que a dignidade do ser humano seja sempre respeitada.

*Coletivo de Professores e Funcionários da
Educação do Norte do Paraná*

Homenageados

Andreia Lemes Santana



Aparecida Lúcia da Cunha



Ederson Camiloti



Joana D'Arc Franco Bertoni



Lucilene Prates Tomaz Saidler



Silvia Regina Gomes



Vidas interrompidas: Andreia e Aparecida, amigas para sempre

Por Luiz Bragança de Pina

Na noite de 11 de agosto de 2022, Andreia Aparecida Lemes Santana e Aparecida Lúcia da Cunha estavam a caminho de Curitiba-PR para a 8ª Conferência Estadual de Educação, realizada pela APP-Sindicato. A van, pilotada por Miguel Henrique de Souza Melo, que transportava as agentes educacionais, chocou-se violentamente na traseira de um caminhão na BR-376, tirando-lhes a vida e de mais quatro servidores; três sobreviveram.

Nesta entrevista, a agente educacional, Fernanda Cristina Calixto Zanatta e a secretária Naida Tironi comentaram sobre as qualidades pessoais e profissionais das amigas Andreia e Aparecida, conhecidas de longos anos no Colégio Estadual Francisca de Souza, em Barra do Jacaré, cidade do Norte Pioneiro do Paraná de 2.814 habitantes.

Sobre Andreia Lemes Santana

Ao falar da personalidade de Andreia, Fernanda definiu-a como “comunicativa, sempre alegre e transparente”. Naida recordou que ela, apesar dos “vários problemas de saúde”, era uma pessoa “animada, festeira, amável” e “explosiva”, principalmente quando lutava por seus direitos como servidora pública.

Com relação ao legado deixado por Andreia às futuras gerações e sua postura enquanto agente, Fernanda ressaltou seu perfil comunicativo com toda a população educacional, “independente do cargo ou função desempenhada”. Ela “zelava pelo colégio e fazia tudo sempre com amor”.

Naida confirmou o lado impetuoso de Andreia na luta por seus direitos, além de estar sempre inteirada das notícias, qualidades que chamavam a atenção das amigas.

Fernanda e Naira resumiram o caráter profissional de Andreia junto das colegas de trabalho e também com a sociedade: “Alegre, comunicativa, zelosa e sempre disposta a ajudar o outro”, declarou Fernanda. Naira preferiu enfatizar seu lado solidário e criativo: “Gostava de realizar trabalhos artísticos junto aos alunos voluntariamente, e ensinava sobre reciclagem”.

Sobre Aparecida Lúcia da Cunha

Fernanda observou sobre o alto astral da amiga e determinadas atitudes com relação às pessoas: “De bem com a vida, responsável e comunicativa”. Naira preferiu defini-la como “alegre, companheira e festeira”.

Ao falar do legado deixado por Aparecida às futuras gerações e sua postura enquanto agente, Fernanda buscou, nos anos de convívio com a amiga, o exemplo de como ela se relacionava “com todos” e sua atitude profissional “correta”. Naira, por sua vez, destacou sua habilidade de “informar as novidades sobre o trabalho” dos colegas e seus “direitos”.

As principais qualidades de Aparecida, enquanto profissional, com as colegas de trabalho e a sociedade, foram reforçadas por Fernanda por meio do vigor da sua amizade, o lado “responsável” e comunicativo. Naira complementou a fala de Fernanda e lembrou da busca constante de Aparecida pelo diálogo “com os colegas de trabalho”.

Andreia e Aparecida, amigas para sempre

Todos nós somos dotados de sentimentos. Cada um tem suas peculiaridades de caráter e carregamos sonhos, desejos e nutrimos da necessidade de convívio social e de nos manifestarmos diante dos semelhantes com afeto, compreensão, amizade e amor para superar as adversidades. Assim, para Fernanda e Naira, fortalecem-se as relações: foi como aconteceu com Andreia e Aparecida, amigas para sempre.

Quando perguntada do impacto ao receber a notícia do acidente e qual reflexão poderia compartilhar, Fernanda encontrou nas palavras “inesperado” e “chocante” para significar sua comoção. Em seguida, considerou:

“

*A vida é um sopro.
Saibamos viver cada dia
com responsabilidade como se fosse o último,
pois o amanhã não sabemos”.*

Para Naira, do modo como se deu a partida das amigas e da dor profunda que se abateu contra ela, preferiu retomar a saudade e as lembranças de quando estavam juntas. “Foi muito intenso. Ambas eram minhas amigas, tanto no trabalho, como no *happy hour*. Sempre dividimos nossas alegrias e tristezas. Até hoje dói muito a partida delas, mas sei que a separação é momentânea e estaremos futuramente juntas”.

Em seguida, Naira revelou o aprendizado deixado pelas amigas:

“Aprendi com elas a viver o presente, pois não sabemos do amanhã e isso foi bem verdadeiro. Lembro-me do dia em que me despedi delas antes da viagem e a lembrança que ficou foi a alegria de viver”.

Ao final desta entrevista, perguntei-lhes, caso tivessem a oportunidade de ter tido uma última palavra com as amigas falecidas, o que fariam?

Fernanda diria: “Obrigada pela oportunidade de compartilhar bons momentos”.

Naira confessaria: “Andreia e Aparecida, amo vocês. Que Deus as abençoe”.

Entrevistas em homenagem a Ederson Camiloti

Os entrevistados Silvana Bianconi, Lígia Maria Silva de Oliveira, Maria Durvalina Santana e Fernando Nogueira dos Santos exaltam, nestas entrevistas que seguem, Ederson Camiloti, sempre amigo, companheiro, alguém que lutou por uma educação de qualidade, além de seus traços de sensibilidade humana e visão da importância do coletivo.

Sempre na luta, com coragem e paixão,
Por cada aluno, cada sonho, cada lição.
No caminho da educação, seu legado brilha,
Guiando nossos passos, com força e sabedoria.
Hoje, sua ausência sentimos com pesar,
Mas sua luz eterna nunca deixará de brilhar.

Entrevista concedida pela Professora Silvana Bianconi – Colégio Estadual Rio Branco – Santo Antônio da Platina, Paraná.

Redação: Bom dia, saudações, Professora Silvana. O Neginho, o Ederson, foi alguém que representou muito a coletividade. Vamos lembrar que esse é um esclarecimento para aqueles que não o conheceram, para as futuras gerações de platinenses, de paranaenses. O que você teria a nos contar sobre ele? Como ele era?

Silvana Bianconi: O Professor Neginho era inteligentíssimo, colaborador assíduo. Era muito divertido, muito divertido mesmo. Tive a oportunidade de conhecê-lo quando fizemos uma viagem não muito longe, quando fomos até Bandeirantes. Voltamos juntos, eu, ele e um grupo de amigos – fomos nos divertir em Bandeirantes. Foi coisa de louco, assim, até chegar

a Bandeirantes e retornar, não parávamos de rir. Perto do Neguinho ninguém ficava sem dar risada. Ele era muito divertido. Até para contar sobre as viagens que ele fazia, para defender a educação, na luta pela educação, ele contava com humor, com bom humor, não reclamava. Era um professor que gostava de política, defendia seus interesses políticos e discutia política. Não conseguíamos ganhar dele. Ele sempre venciamos nos debates políticos. Muito divertido. Amava a filha. Tudo que ele fazia, fazia pela filha também. Ele amava a Júlia. Tudo era a filha. Era uma pessoa extremamente divertida, que amava a vida. O Neguinho amava viver. Ele falava: “Isso daqui é vida, vamos lá, vamos nos divertir, isso daqui é vida”. O Neguinho era também sistemático. Ele gostava das coisas... acho que não seria a palavra ideal, sistemático, metódico. Ele gostava das coisas certinhas. Os pingos nos is, tudo bonitinho, tudo alinhado. Tinha que ser daquele jeito. Então, acho que seria isso.

Redação: Para você, o falecimento desses colegas, a Joana, que você relatou em outra entrevista, o Ederson, farão falta para o coletivo de professores? Deixam um vazio para todos?

Silvana Bianconi: Com certeza, tanto o Neguinho quanto a Sílvia. Tive a oportunidade de trabalhar com a Sílvia também no ano de 2009, uma pessoa íntegra. Era o casal ali que batalhava por nós. Eles não precisavam disso. Você acha que eles precisavam estar indo lá, para Curitiba, para lutar por nós? Não. Mas eles lutavam por um ideal. Eles batalhavam por nós. Talvez existam educadoras no nosso meio que precisariam ter mais. Mas eles lutavam pelos nossos direitos, mesmo tendo uma condição financeira boa. E iam, lutavam, brigavam. Tinham conhecimento de leis e eram pessoas responsáveis. Acho que o Neguinho e a mulher tinham uma responsabilidade para criar aquela filha, um amor pela filha, era tudo pela filha.

Redação: Perfeito. Se, hoje, você tivesse a oportunidade de se encontrar com ele e com a Sílvia, o que você diria a eles, talvez em agradecimento pelo que fizeram, enfim, o que você diria a eles se tivesse uma última oportunidade para se despedir deles?

Silvana Bianconi: Eu diria: “Muito obrigada por toda a contribuição”. Agradeceria a eles por toda a parceria, todo o esforço e falaria para eles: “Calma, maneiem um pouco”. Eles viajavam muito, eles brigavam

muito. “Calma, não precisa de tanto”. Assim, no dia, ficamos muito revoltados, meu Deus, para que tanta viagem? Ficamos revoltados, sabe? O Neguinho e a Sílvia, como eu falei, não precisavam estar nessa luta, e eles ali lutando, lutando, lutando, os dois no mesmo dia, juntos, porque eles podiam estar assim... Eles tinham divergências pessoais, né? Acho que eles estavam passando por um momento difícil no casamento deles, mas eles estavam juntos, viajando juntos, lutando juntos. Então, primeiro era a educação, depois vinham eles. Eu diria para eles se acalmarem um pouco, maneirarem um pouco. Falei muito isso para eles, mas era o ideal deles, eles tinham esse ideal.

Entrevista concedida pela Professora Lígia Maria Silva de Oliveira – Colégio de Campo Heloísa Infante Ribeiro, no Patrimônio da Platina.

Redação: *Você trabalha em que colégio?*

Lígia Maria Silva de Oliveira: Trabalho atualmente no Colégio Eloisa Infante Martins de Beiro, que fica no povoado da Platina.

Redação: *Você poderia nos falar um pouco da vida do Ederson, do que ele deixa de memórias inspiradoras para aqueles que são docentes, para aqueles que trabalham em educação?*

Lígia Maria Silva de Oliveira: Então, o primeiro contato que eu tive com ele foi na minha formação mesmo. Hoje, o curso, que é chamado de Formação de Docentes, era o antigo magistério. Eu o conheci no meu primeiro ano de magistério... que ele dava aula para as turmas... era uma pessoa contagiante. A primeira lembrança que me vem ao mencionar o nome dele é alegria. Alegria de estar onde ele estava, alegria de trabalhar. Em uma época em que não se falava muito de saúde mental, tinha alguma coisa, mas não se falava tanto quanto hoje. Ele já falava da importância. Ele defendia muito a cadeira que ele lecionava, a disciplina que ele lecionava. Então, ele falava muito da importância da educação física para todas as partes do corpo. Era uma pessoa que gostava muito do que fazia. Foi o primeiro contato que eu tive com ele. Foi no ano de 1994 ou 1995.

Redação: *Em relação a APP-Sindicato, ele foi sempre um líder também para a região e tudo mais, inspirando professores na luta?*

Lígia Maria Silva de Oliveira: Essa personalidade dele é marcante, de estar bem com a vida e forte. Esse espírito de esperança, que chama atenção da gente, é que ele demonstrava que a gente tem que se relacionar bem com as pessoas e saber o direito de cada um, independentemente da instância em que se esteja. Já ali na sala de aula, como estudante, ele já colocava que a gente tinha de aprender a ter um pensamento crítico. E depois, concursada, em 2003, participamos do mesmo concurso. Na verdade, o concurso foi em 2001, e eu fui nomeada pela Prefeitura em 2003. Trabalhei pela Prefeitura durante seis anos e ali eu já tive um contato maior com eles. Então, era o que marcava bastante essa pessoa.

Em qualquer ambiente que ele estava, ele colocava isso para a gente. Não era uma questão somente de posição: “Porque eu sou professor”. Era uma questão... qualquer pessoa, em qualquer ambiente em que ele estava, independentemente da profissão que a pessoa estivesse exercendo ou da função, independentemente de ser um funcionário, um professor ou um estudante, ele procurava abrir a cabeça das pessoas sobre esse pensamento crítico que a gente tem que ter para analisar a sociedade na qual vivemos. Você entendeu? Não sei se eu fui clara no que eu estou dizendo, sabe?

Então, o que marcou para mim dele é isto: em qualquer momento que ele estivesse, em uma roda de amigos, sempre refletia sobre tudo que estava acontecendo na sociedade, sobre o momento que a gente estava vivendo na sociedade, sabe? Ele nunca deixou de expressar a opinião dele.

Ele tinha aquela alegria de viver e sabia respeitar muito bem a opinião do outro. Ele conseguia manter a amizade se uma pessoa tivesse uma opinião diversa da ideia dele, entendeu? Então, ele conseguia fazer isso por meio do jeito dele, tinha uma alegria muito grande, para conversar, para argumentar também com as opiniões dele. Ele conseguia colocar de uma maneira que as pessoas não se sentissem ofendidas. Ele tinha essa particularidade. Ele era uma pessoa que conseguia reunir em si muitas pessoas. Eu acho que, para a educação de Santo Antônio da Platina, foi, sim, uma perda muito grande.

Redação: Em relação ao acidente como um todo, você se sentiu muita abalada quando recebeu a notícia desse acidente, dessas mortes, como foi?

Ligia Maria Silva de Oliveira: No ano que aconteceu, eu trabalhava no Colégio Maria Dalila Pinto, e, lá no Colégio Maria Dalila estudava a sobrinha dele. Estuda até hoje. E eu estava ali lecionando na época, ela estava no oitavo ano, e eu estava na sala do oitavo ano. E, então, eu fiquei sabendo da notícia, na hora do intervalo. Fui para a sala dela e perguntei se ela ou o pai dela tinham conversado com o tio dela. E ela já perguntou, achou estranho, porque já era de manhã... já tinha acontecido... e ela achou estranho. No dia seguinte, quando chegamos no velório, ela já veio atrás de mim e me perguntou... ela argumentou e falou assim: “A senhora já sabia e a senhora não me contou”; e eu falei que eu não podia, porque eu não tinha autorização da direção.

Foi um choque, porque, no dia, a gente chegou já sabendo que tinha acontecido um acidente, mas a gente não sabia os nomes e quantas pessoas tinham falecido. A gente sabia que havia falecidos e feridos, e a gente não sabia quais eram as pessoas. A manhã daquele dia foi muito tensa. E aí aquela preocupação em saber de todas as pessoas que haviam falecido.

A sobrinha dele é a que a gente tem um contato mais de perto. Então, foi uma manhã muito difícil... para todos que estavam no colégio. A notícia oficial veio bem na hora do intervalo; assim, lidar com a situação foi... é algo que a gente está na sala de aula e não espera, não é? Na faculdade, ninguém nos ensinou a trabalhar com essas situações. Então, o que me marcou mais foi ter de segurar a emoção diante da sobrinha dele.

Uma das pessoas mais próximas dele estava ali na sala de aula com a gente. E daí ela contou que, na hora que ela foi embora, o pai dela, o irmão do Ederson, tem uma empresa de transporte escolar. Ela estava acostumada com o pai ir buscá-la, mas, na saída, não teve como, foi o assunto daquela manhã. Na hora de ir embora, eles escutavam comentários. E ela disse assim: “Eu tive certeza de que o meu tio já tinha ido embora quando eu vi a minha mãe na porta do colégio para me buscar”, porque normalmente não era a mãe, era o pai. “Por que o meu pai não estava ali?” Era o trabalho dele; além de levá-la embora, levava outros estudantes.

Então, às vezes a gente para e pensa que parece que não aconteceu e que, a qualquer momento a gente vai encontrar pela rua a pessoa. É difícil explicar a sensação.

Redação: *O que você diria a ele, se tivesse a oportunidade de encontrá-lo novamente? Talvez algo que, se você soubesse que ele iria partir, você diria para ele?*

Ligia Maria Silva de Oliveira: “Obrigada pela alegria”. Eu acho que outras pessoas poderiam falar mais, porque essa questão de refletir sobre a sociedade, eu sei que a gente não tem oportunidade de falar, mas muito obrigada. Porque essas pessoas foram diferenciais na vida de muita gente.

Entrevista concedida por Maria Durvalina Santana, funcionária da Instituição Hercílio Custódio.

Redação: *Agradecemos a sua disponibilidade. A primeira pergunta seria: Qual foi o impacto quando a senhora recebeu a notícia do falecimento dos colegas, professores e funcionários que estavam a caminho de Curitiba naquele acidente? Como foi o impacto para a senhora no primeiro momento quando recebeu a notícia, principalmente do Ederson?*

Maria Durvalina Santana: Quando a gente ouviu no rádio sobre a van, a gente já ficou desesperado, porque não sabia quem estava na van. A gente já sabia que eles tinham ido, principalmente o Ederson, que trabalha com a gente. Aí foi um impacto muito difícil, a gente entrou em desespero, até saber se ele estava bem. O desespero foi muito comvente, tanto para mim como para minha amiga que trabalha comigo, que a gente tinha muito contato, principalmente com o Ederson que era um amigo maravilhoso, uma pessoa excelente, e a gente tinha um amor incondicional, sabe? Foi muito triste. Quando a gente soube, o impacto foi muito grande, muito sofrimento, muita tristeza.

Redação: *Quem era o Ederson? Para quem não conhece o Ederson, você poderia falar algumas características dele, seu modo de viver, seu modo também de lutar pelos direitos da educação?*

Maria Durvalina Santana: Então, o Ederson era o nosso professor de educação física. A gente sempre trabalhou com ele. Era uma pessoa

excelente, maravilhosa, um homem de coração muito bom, sabe? A gente tinha amizade. Eu, ele e a Eliane, que trabalhava comigo, sempre estávamos juntos, conversávamos. Ele... ah!, ele é uma coisa que eu nem consigo falar, sabe? Ainda bate muita saudade, muita... quando a gente chega à escola, a saudade baixa. Olha, naquela casa, lembra? Eles se sentavam com a gente. Às vezes a gente fazia coisas gostosas. Ele ia lá e falava: “Hoje eu vou comer com vocês”. Ele era uma pessoa muito simples, uma pessoa humilde, um coração maravilhoso. Uma pessoa que a gente amava. Eu, por exemplo, sofro até hoje. Sinto saudade.

Tem coisas que, às vezes, a gente é repetitiva. O que acontecia com ele, com a gente, que às vezes acontece, a gente já lembra. Sente muita saudade. Para mim, o Ederson, além de um professor excelente que ele era, ele era um amigo, um irmão, uma pessoa com quem a gente convivia tanto na escola como fora.

Entrevista concedida pelo Professor Fernando Nogueira dos Santos – Associação do Professor Municipal Platinense.

Fernando Nogueira dos Santos: Hoje estou prestando serviço na Associação dos Professores. Fui por seis anos presidente da Associação. Atualmente estou trabalhando, prestando serviço, mas me aposentei da Prefeitura e presto serviços na Associação até o final do ano. Depois, a gente vai ver o que dá para ser feito.

Redação: O que o senhor teria a nos falar sobre o Ederson? Quais as qualidades marcantes na vida desse professor e desse lutador pela educação? O senhor é engajado na causa também, na luta dos professores municipais, se entendi bem.

Fernando Nogueira dos Santos: Então, sobre o Ederson, a gente construiu uma amizade desde quando trabalhávamos juntos na escola municipal Pedro Claro. Construímos uma amizade sólida e duradoura. Ele não era da associação, da diretoria, mas ajudava muito. Ele brigava no bom sentido, de tentar ajudar os professores. Quando ele percebia que tinha algo de errado com relação a pagamentos, com relação às coisas que não estavam caminhando de acordo, então, o Ederson, a gente o chamava de Neguinho, Professor Neguinho, carinhosamente, ele corria lá pra Associação e falava:

“Fernando, tem que fazer isso, Fernando, tem que fazer aquilo”. E, às vezes, a gente falava com ele, a gente até brigava, assim, no bom sentido, mas ele sempre na luta para conquistar as coisas de direito dos professores. Então, ele tinha esse lado de lutar mesmo. Eu era presidente da Associação dos Professores, vinculada à APP-Sindicato. Ele era da APP-Sindicato. Em todas os seminários, congressos, às vezes, íamos juntos. Inúmeras vezes, ficamos no mesmo quarto do hotel onde estávamos hospedados, por exemplo, em Guarapuava, Lapa, Cascavel, Curitiba, várias vezes. Todos os lugares para onde íamos, ele sempre ia também. Ele gostava muito de participar de perto da APP-Sindicato. E como éramos do mesmo grupo, acabávamos ficando sempre no mesmo quarto. Eu lembro de uma ocasião muito interessante em Lapa. Nós ficamos em um hotel à beira da estrada, porque na cidade já não tinha mais hotel, que é uma cidade pequena. Quando chegou de manhã, ele falou para mim assim: “Conseguiu dormir?”. Eu disse a ele: “Olha, eu não dormi direito, não. Essa cama foi uma das camas piores que eu peguei em toda a minha vida com relação a dor”. Eu falei que era tipo uma tora; você se deitava, você virava de um lado, virava de outro, mas você não parava no centro da cama. E aí ele riu, riu, riu, e falou assim: “A minha cama é melhor, então, a minha foi melhor do que a tua”.

Ele era bem brincalhão com isso. Quando viajávamos, sempre almoçávamos juntos, sempre... Era aquele cara que acompanhou de perto sempre. Às vezes, tínhamos, assim, uns entraves, porque ele queria que acontecesse, mas não conseguíamos fazer acontecer. Assim, ele brigava com a gente na associação. E a gente brigava, xingava, tal, mas a gente se encontrava na rua e ele vinha abraçar. “É, Fernando, você não pode sair de lá...”. Ele era desse jeito. Ele não guardava mágoa, raiva de você. Então, ele tinha esse lado muito bom.

Redação: Qual o legado que você acha que o Ederson deixou para os futuros profissionais da educação, sejam professores, sejam funcionários que atuam nas escolas públicas estaduais e municipais. Qual a mensagem que ele deixou, sobretudo no engajamento pela luta de uma educação de qualidade?

Fernando Nogueira dos Santos: Olha, o que ele deixou é assim: Você tem que lutar pelos seus direitos. Você não pode deixar. Não está acontecendo?

Vamos lutar. Algumas vezes, ia ter associação para a gente movimentar uma greve, ou ir conversar na prefeitura, na secretaria. Então, assim, o que ele deixou? Luta, muita luta. Nessa área da educação, professores, funcionários, se não lutarem, não conseguem. Então, é um legado que ele deixou da luta pela cidadania, cada um exercendo seus deveres, e, também, da luta pelos direitos. Foi isso que ele deixou.

Redação: Dos demais falecidos, você chegou a conhecer algum? Conviveu com eles também? Poderia nos contar a experiência?

Fernando Nogueira dos Santos: Sim, eu tinha muita amizade com a Joana D’Arc também. Embora ela fosse mais voltada para o estado, e a gente mais para o município, nós estávamos num sindicato só. Então, nessas viagens, sempre estávamos juntos. Eu, ela, o Ederson e a Doquinha, da Barra do Jacaré também, sempre estávamos juntos na luta. Mesmo com os dois, com os três que sobreviveram de Cambará, eu também tinha muita amizade com a Graça, com o Juliano e a esposa dele, a Fernanda. Eu tinha muita amizade com esse povo todo, porque estávamos sempre juntos nas reuniões, nos congressos. Mas a Joana, ela marcou muito a gente. A Joana era uma pessoa que vinha, passava lá na associação e dizia: “Vocês têm que fazer [isso], vocês têm que fazer [aquilo], vocês têm que lutar pelos seus direitos”. Ela nos dava muita força, a Joana. Assim como os outros também. A Doquinha era mais voltada aos funcionários da educação, não aos professores, mas ela também era uma grande mulher, que lutava pelos direitos da educação.

Redação: Agradecemos a entrevista. E, para encerrar, se você tivesse a oportunidade de estar ou ter contato por alguns minutos com o Ederson, ou, talvez, com os demais falecidos também, qual mensagem você diria a eles?

Fernando Nogueira dos Santos: Que pena que não pudemos ficar mais tempo juntos. Eu queria estar mais perto, se a gente soubesse que seria essa morte trágica. Vocês sabem, naquele dia era para eu estar junto na van, mas a minha filha ia se casar no civil. E eu acabei não indo nessa viagem. Sabe-se lá o que poderia ter acontecido. Sempre as pessoas conversam e falam comigo: “Fernando, você pode comemorar que você nasceu de novo, porque era para você estar junto, mas, devido ao casamento da

filha, acabou não indo”. Então, eu fico muito, assim... É lógico, se a gente estivesse, poderia também ter acontecido o pior, mas poderia também não ter acontecido. Tínhamos muita amizade, era um grupo muito unido nessas viagens. E por que foi acontecer? Podemos dizer que era a vontade de Deus, mas não é vontade de Deus, aconteceu a tragédia. Foi isso.

Entrevistas em homenagem à Joana D’Arc Franco Bertoni

Os entrevistados Marina Cecília, Lígia Maria Silva de Oliveira, Silvana Bianconi e Fernando Nogueira partilham, nestas entrevistas, a importância da Joana D’Arc em muitas lutas por uma educação de qualidade, além de exaltarem o fato de ser uma colega sempre presente, leal, amiga e companheira.

Lutou com bravura, pelos direitos a defender,
Sempre em busca de um ensino digno e de qualidade oferecer.
Com um coração humano, acolhia a todos com amor,
Sua força e ternura irradiavam um imenso valor.
Sua voz era um farol, guiando com firmeza e paixão,
Eternamente viverá em nossa admiração.

Entrevista concedida pela Professora Marina Cecília – Colégio Estadual Rio Branco – Santo Antônio da Platina, Paraná.

Redação: Aqueles que não conheceram a Professora Joana, o que você teria para compartilhar, com os leitores desta obra, sobre a trajetória dessa professora que faleceu num acidente indo para uma reunião da APP-Sindicato? Ela era sua colega de trabalho?

Marina Cecília: A palavra que define a Professora Joana é coragem. Uma pessoa de uma força gigantesca. Ela não tinha medo de nada. Nem daquilo que, eventualmente, pudesse a prejudicar. Então, para mim, ela era um exemplo, nesse sentido de coragem mesmo. Uma pessoa dinâmica, muito altruísta, porque ela tinha isso de querer ajudar as pessoas. Então,

a minha definição para Joana é realmente uma mulher de muita coragem, uma mulher que inspirou e inspira.

Redação: Você colocou que ela inspira. Você poderia contar como a conheceu, quantos anos conviveu com ela, quanto tempo que ela estava no colégio que você trabalhava, não exatamente, mas em linhas gerais, só para deixar registrado na obra?

Marina Cecília: Nós trabalhamos juntas. Eu conheci a Joana há uns 19 anos. Logo que eu ingressei na carreira de educadora, eu já conheci a Joana. Na verdade, já tinha ouvido falar dela quando a conheci, ela se mostrou realmente o que eu já tinha ouvido falar dela, que era uma pessoa muito dinâmica, muito corajosa, estava sempre pensando no bem da nossa categoria. Nós nos conhecemos nos bancos escolares mesmo, nas nossas andanças pelas escolas. Trabalhei com ela em duas escolas diferentes. Agora, na última, ela estava no Colégio Rio Branco, onde eu também estou.

Joana sempre foi uma pessoa que sabia muito bem o que estava fazendo, uma profissional excelente, que lutava muito pela nossa categoria. Eu a conheci no ambiente escolar mesmo. Nós participávamos de alguns eventos extraescolar, de alguns encontros, de algumas festas – era de uma alegria muito contagiante.

Redação: Para aqueles que não tiveram contato com ela, quais características definiriam a Professora Joana? Você disse que ela era uma pessoa destemida, competente e altruísta. Você poderia nos relatar como foi receber a notícia do falecimento dela naquele acidente? Primeiro chegou a notícia do acidente, seja para você, seja para os seus colegas do Colégio Rio Branco bem como para os alunos?

Marina Cecília: Eu farei um breve relato. Na quinta-feira à tarde, às três e meia, um pouco antes até de ela sair, nós nos encontramos no intervalo do colégio. Eu havia feito um projeto sobre o gênero textual cartas. Ela tirou uma foto na sala dos professores e me mandou na sala, e me parabenizou. “Parabéns pelo seu projeto, que lindo”, disse ela. Não a vi mais. Tínhamos o costume de dar um bom dia, uma boa noite, com aquelas mensagens prontas de WhatsApp. Quando foi na sexta de manhã, que nós recebemos a notícia do acidente, ninguém sabia, eu mandei uma mensagem para ela: “Joana, responde. Foi a sua van? Está tudo bem?”. Ela já não me respondeu mais. E aí se passaram quarenta minutos e nós recebemos a

notícia, com os nomes dos falecidos, e a Joana estava entre eles. E aí eu percebi o porquê de a minha mensagem não ter sido respondida. Daí entramos naquela dor profunda, que não tem explicação, não é?

Redação: *Professora Marina, como os alunos receberam a notícia? Como que era a professora Joana com os alunos? Você teria essa informação?*

Marina Cecília: Eles gostavam muito dela. Todos também ficaram muito chocados quando receberam a notícia. Como eu disse, a Joana tinha uma presença, que não escapava da percepção de ninguém. Então, os alunos também ficaram muito chocados com a notícia. A escola inteira virou um alvoroço, até mesmo para quem não trabalhava lá, pois eles (todos os ocupantes); eram muito conhecidos na cidade.

Redação: *Para finalizar essa entrevista, já agradecendo a sua disponibilidade, se você tivesse tido a oportunidade de dizer umas últimas palavras para a Professora Joana, o que você diria?*

Marina Cecília: Que ela era um exemplo de profissional, de mãe, de pessoa incrível que passou por aqui e deixou marcas positivas muito profundas no coração de todos os que a conheceram.

Entrevista concedida pela Professora Lígia Maria Silva de Oliveira – Colégio de Campo Heloísa Infante Ribeiro, no Patrimônio da Platina.

Redação: *Para quem não conheceu a Joana, quais seriam as características principais dela, qual o legado que ela deixou para a educação na sua visão?*

Lígia Maria: A Joana era uma pessoa de personalidade muito forte, muito alegre, extrovertida, chegava sempre sorrindo no trabalho. Ela procurava sempre passar alegria para todos que estavam à sua volta. Sempre muito otimista.

Redação: *Outros relataram que ela lutava muito mais pelo coletivo do que pelo individual. Você confirmaria essa luta que ela tinha pensando no grupo, nos professores, nos funcionários e não apenas nela?*

Lígia Maria: Então, uma coisa que a gente ensina muito na sala de aula, a Joana não só ensinava, ela vivia. A Joana não era só na teoria, ela

demonstrava para os alunos o que era viver realmente em sociedade. Uma das poucas pessoas com quem convivi que externava seus pensamentos. Então, a Joana raramente pensou só nela. Sabe, tudo que ela planejava fazer era pelo bem do coletivo. Uma característica muito forte era a coragem. Uma pessoa muito corajosa, muito sincera. O que ela tinha de falar, o que ela tinha de defender, ela não media esforços, não deixava para outra hora, e ela falava sobre seus objetivos, sonhos, principalmente em preparar a trajetória de vida das suas filhas que foram o seu maior motivo em lutar. Ela era muito determinada... quando ela lutava, ela tinha argumentos e sabia que tinha razão, pois estudava muito tudo que dizia, era bem fundamentada e amparada. Se alguém ficava contrapondo, ela tinha argumentos para defender...ela era uma pessoa fantástica.

Por meio da sua experiência de vida, dos exemplos dela, ela mostrava como que era trabalhar em coletivo, como que era lutar pelos direitos. Sempre estava chamando a todos, independentemente da pessoa, ela não escolhia as pessoas. Ela te via na rua e perguntava: “Você vem? Vamos para Curitiba [tal dia]? Estamos indo para Curitiba. A pauta que vamos trabalhar lá é [essa, essa, essa]”. Uma pessoa muito atualizada. Nós sabemos e vivemos momentos delicados na educação hoje, precisamos que se fale disso. Lá no início, em 2004, eu conheci a Joana ao substituí-la. Ela era muito engajada, não só na pauta da educação, mas na política em geral. Em 2004, eu a substituí, eu era do processo seletivo simplificado. Ela era candidata à vereadora em Jundiá do Sul. Ela precisou tirar aquela licença, e eu a substituí no Colégio Edith.

Eu era novata, começando a trabalhar com os maiores naquele ano, eu era professora de ensino fundamental, trabalhando para a prefeitura, e foi o primeiro ano que eu trabalhei para os maiores, que eu estava com vínculo com o estado, e, quando ela voltou, o livro de chamada estava todo errado. Ela teve muita paciência para explicar. A Joana e a equipe pedagógica reorganizaram o livro e foi uma experiência muito produtora na minha vida e, também, ver a atitude humana da Joana.

A Joana sempre lutou para unir a classe. Quando ela percebia que tinha rivalidade, ela sempre tentava contornar. Os cursos que a Associação de Professores divulgava e oferecia, a Joana estava presente. Há poucos dias

tivemos uma reunião regional do Conae, e eu lembrei que, em uma dessas reuniões, que foi municipal, eu olhei muito claro como se fosse agora: parece que a Joana estava prevendo o que estava acontecendo. Ela descreveu todos esses momentos delicados que hoje vivemos na educação. Ela falou que ia acontecer tal coisa, isso, isso, isso “se a gente não lutar agora”. Isso foi em 2014, há quase 10 anos. Então, ela tinha uma percepção de mundo. A Joana era além do tempo dela. Ela falou assim: “Parece que as pessoas não estão vendo que vai acontecer [tal coisa]”. Então, ela era muito atualizada, era uma pessoa muito à frente do tempo que ela estava vivendo.

Ela lutava por várias causas. Eu nunca vi a Joana ter preconceito com nenhum professor, com nenhum aluno. Racismo, discriminação, preconceito era algo que não tinha no vocabulário dela. Tanto é que, quando ela veio para Santo Antônio lecionar, antes ela lecionava em um acampamento em Jundiá do Sul; mesmo trabalhando em São Antônio, ela sempre voltava para visitar os alunos para ver como é que estavam, se eles estavam continuando a estudar, se precisavam de alguma coisa. Então, por onde ela passava, ela não esquecia. Mesmo trabalhando em outra cidade, em outra escola, ela sempre queria visitar esses alunos. Então, a Joana era bem assim. Nunca colocava o pessoal dela. Sempre trabalhava pelo coletivo. Sempre procurava unir as pessoas. Essa era a Joana.

Redação: Se você tivesse a oportunidade de ter se despedido dela, quais as últimas notas para ela?

Lígia Maria: É, assim, agradecer, por ter sido esse exemplo. Eu conheci a Joana, primeiro um nome que eu tinha que substituir. E eu fui conhecê-la pessoalmente depois. E aí eu tive uma aula no primeiro dia que eu a vi, porque as conversas de intervalo, na sala dos professores, não eram só conversa, eram um debate. Eu assistia a um debate. As opiniões dela refletiam muito, ela me ajudou muito no crescimento profissional. Eu gostaria de agradecer e falar para ela que valeu a pena, para ela ir em paz, que está tudo bem. As meninas estão muito bem, porque, às vezes, quando somos pai e mãe, não percebemos muito bem o quanto os filhos amadureceram. Falar para ela ficar em paz, tranquila, porque está indo tudo bem.

O que ela queria era ver as meninas bem. A Joice, a mais velha, já se formou, já tem uma profissão, também é professora. A Gabrielle e a

Beatriz estão na faculdade que a Joana mais queria, que tivessem a opção de escolha, mais oportunidade para o jovem, e elas conseguiram escolher a faculdade que elas queriam. A Beatriz está em Londrina, e a Gabriella, em Curitiba. Então é isso. Dizer para ela que está indo tudo bem, que tudo que ela queria mostrar para as pessoas, de como ela via o mundo, de como que ela queria o mundo, nós estamos procurando fazer, dar continuidade a essa trajetória. Uma coisa também que a Joana era corajosa, ela tinha um senso de justiça muito grande, não se conformava com as injustiças do mundo. Então, para ela não ficar preocupada, eu diria que está indo tudo bem, que ainda ficaram pessoas para continuar o trabalho.

Acho que o medo dela era que as pessoas não se unissem mais, porque os professores, nós sabemos, a nossa classe, têm muita dificuldade. Há muita divergência no nosso meio. Eu acho que ela tinha medo dessa separação. Eu diria, então, para ela, que está tudo bem e que a gente vai usando o exemplo dela e dos outros. Como eu já disse, quando eu falei sobre o Ederson, esse grupo que estava dentro daquela van tinha uma coisa em comum: pensar no coletivo. Eles eram muito corajosos, e o maior princípio que eles carregavam era o senso de justiça. O que os unia era isso. Vá em paz, Joana, está tudo bem. O que ela plantou já está dando frutos. Os brotinhos já cresceram e já estão dando frutos. É isso.

Entrevista concedida pela Professora Silvana Bianconi – Colégio Estadual Rio Branco – Santo Antônio da Platina, Paraná.

Redação: Bom dia, Professora Silvana, estamos aqui fazendo este livro em homenagem aos falecidos. Em especial, você quer comentar sobre o conhecimento que tinha da professora Joana? Para quem não conheceu a Professora Joana, como você a apresentaria para as futuras gerações que não conheceram essa docente?

Silvana Bianconi: Bom dia, olha, como professora, posso dizer que ela era fera, guerreira, uma professora que era muito nota dez. A Joana era uma professora que não faltava nos dias de aula, que tinha compromisso com a escola, compromisso com a educação. Uma professora inteligentíssima. Tinha muito para contribuir. Eu me lembro quando conheci a Joana.

Acho que foi em 2009, não, 2007. Eu não tinha minha filha ainda. Minha filha nasceu em 2009. Foi em 2007 a primeira vez que eu a vi. Já me chamou atenção a inteligência dela. Eu me lembro que ela me contou que tinha passado em primeiro lugar no concurso. Então, para passar em primeiro lugar em um concurso público, antigamente, hoje já está difícil, antigamente era mais difícil ainda. Então, muito inteligente, comprometida com a educação, uma excelente professora.

Redação: Como colega de trabalho, você teria alguma situação que você vivenciou com ela, que poderia compartilhar com aqueles que vão ler este livro? Alguma situação ou alguma parte da vida dela que você conhece, que é exemplo para todos?

Silvana Bianconi: Nossa, muitas situações. Em sala de aula ela não brincava em serviço, aquela autoridade, aquela voz grossa que dava medo; os alunos tinham medo. Ela falava muito assim: “Pensa que é bonito ser feio? Vamos recuperar as notas, meu filho”. Nessa época de final de ano, a gente lembra muito dela na escola – vamos fazer o trabalho de genética, o Terceirão. Então, assim, ali, do corredor, todos os dias, trabalhamos muito tempo juntas. Então, como colega de trabalho, sempre divertida, nunca ouvi a Joana reclamar, nunca a ouvi falar: “Estou cansada, não aguento mais”.

Redação: Outros entrevistados relataram também que ela pensava sempre no coletivo, fazia inúmeras viagens, muitas vezes não buscando interesse pessoal, mas interesse do coletivo. Você poderia confirmar isso daquilo que você conheceu?

Silvana Bianconi: Sim, sempre lutando por nós, isso é outra característica dela, sempre lutando por nós, batalhando para termos os nossos direitos, para não perdermos os direitos que já tínhamos e adquirirmos mais direitos ainda. Sempre quando surgia algum assunto, ela sempre sabia das leis, dos direitos. Ela sempre falava: “Olha, vai acontecer [isso, isso, isso]”. A gente já estava sabendo que ia acontecer isso, isso, isso. E todas as dúvidas que tínhamos, sempre tirávamos com ela. “E aí, Joana, você sabe se vai acontecer isso? Vai acontecer aquilo, promoções, progressões. Quando vai sair o 13º?”. A Joana já sabia. Quando o governo vai liberar tal coisa, a Joana já sabia. Ela sempre estava bem-informada, bem atendida com todos os assuntos da educação.

Redação: *Como foi receber naquela manhã de agosto a notícia do falecimento da Professora Joana e dos demais colegas que estavam naquela van? Poderia nos relatar um pouquinho como chegou a notícia até você e qual foi o impacto?*

Silvana Bianconi: Seria interessante falar de um dia antes. Na quinta-feira, não sei se você estava conosco, você estava com a gente na quinta-feira? Acredito que não. Então, primeiro, na segunda-feira, tivemos uma conversa, porque eu e a Joana conversávamos muito sobre assuntos particulares, não relacionados à educação. Ela era muito minha amiga; assim, a gente conversava muito. Não sei também se seria interessante colocar, mas ela se abria comigo em assuntos particulares. Tomamos café juntas na quinta-feira. Sempre quando eu chegava no colégio, eu via ali, a traseira do carrinho dela, do Palio, sempre ali, um dos primeiros carros estacionados perto da escada do Rio Branco. E eu falei: “Ah, a Joana já está aqui”. Aí eu falei: “Oh, Joana, boa tarde”. Tomamos café juntas ali, na quinta-feira. Eu perguntei: “Joana, as coisas estão melhores?” Ela falou: “Está melhorando”. Eu falei que também estava melhor para mim. Ela falou: “Sei lá, se Deus quiser, a gente vai vencer. Nós vamos vencer”. Eu falei: “Vamos vencer, Deus é mais”. E foi o último café que tomamos juntas.

Tomei café com ela na quinta-feira, na sexta-feira fui trabalhar no Maria Dalila, e, na sexta-feira, toda aquela situação. Confesso para você que o colégio liberou, devido a todo aquele tumulto, todo mundo chorando, todo mundo nervoso. No Maria Dalila não tinha um que não chorava. Não só por ela, mas por todos os colegas. Não tinha um professor que não estava chorando; os alunos, foi assim... No Maria Dalila, o choque foi tremendo. Não tinha um que não chorava. Eu lembro que eu saí do Maria Dalila e cheguei em casa. Quando cheguei em casa, eu bati o meu carro no portão, de tão nervosa que eu fiquei. Eu fui uma das pessoas que estava lá no velório na hora que ela chegou, na hora que recebemos o corpo dela. Havia bem poucos professores, mas eu estava lá. Eu fiquei até umas três e meia da manhã lá. Ficamos até de madrugada.

Redação: *Professora Silvana, se você tivesse a oportunidade de encontrar novamente com a professora Joana, quais seriam as suas palavras de despedida para ela?*

Silvana Bianconi: Olha, uma coisa que eu pensei muito, a Joana, o que eu poderia falar dela hoje? A Joana venceu. Ela venceu uma grande batalha. Ela

era uma pessoa extremamente guerreira, uma pessoa lutadora, inteligente, uma pessoa que só contribuiu com a educação, lutou muito por todos nós, e ela venceu. Ela venceu as fadigas dessa vida, as tribulações dessa vida. Então, se eu tivesse a oportunidade de vê-la novamente, eu ia falar que ela venceu todas as tribulações da vida, e que ela foi muito guerreira.

Entrevista concedida pelo Professor Fernando Nogueira – Associação de Professores de Santo Antônio da Platina, Paraná.

Redação: Professor Fernando, lutador na associação do município, não é isso? Na sua visão, qual o legado que a Professora Joana nos deixou? É o seu exemplo de lutadora? O que o senhor conheceu da professora Joana que poderia compartilhar conosco?

Fernando Nogueira: A Joana era aquela mulher que lutava pelos direitos dos professores, tanto dos professores do estado como dos professores do município. Por estar ligado aos professores do município, ela estava sempre com a gente. Ela era diretora na APP-Sindicato, ela sempre auxiliava a associação dos professores municipais, nas dúvidas, nas coisas que queríamos saber, o que podíamos fazer. Assim, pedíamos orientação a ela. A Joana era aquela mulher, como falei do Ederson no sábado passado, que ia a todos os congressos, às assembleias, aos seminários da APP-Sindicato. E eu, por ser presidente da associação, estava sempre junto. Íamos para todo canto do Paraná. Acontecia uma assembleia, uma reunião, um seminário, alguma coisa assim, nós participávamos.

Redação: O senhor realizou algumas atividades com a professora Joana, nessa luta sindical, seja municipal, seja nessa relação com o sindicato estadual?

Fernando Nogueira: Sim, eu lembro de uma ocasião em que estávamos nos preparando uma greve antes a pandemia, porque a prefeitura não estava conseguindo pagar o piso do município. Então, estávamos organizando a greve e a Joana estava sempre nos orientando com o pessoal, com os professores municipais. Ela estava sempre na luta. Então, ela era aquela mulher batalhadora pelos direitos dos professores, tanto do município como do estado.

Redação: O senhor coloca a questão de organizar uma greve. Será que os professores fazem greve porque querem ou por que realmente as condições de trabalho às vezes exigem essa situação? Às vezes, parece que outras categorias são atendidas sem a necessidade de greve. Assim, o que o senhor poderia compartilhar conosco nessa luta, inclusive essa sindical que o senhor também exerce?

Fernando Nogueira: Então, os professores, quando chegam a esse ponto de querer enfrentar uma greve, é porque não conseguiram negociação alguma. Nós lutamos de tudo quanto é forma. Nós não partimos para o início de uma greve sem primeiro ter tentado uma negociação, porque sempre dizem que a greve não leva a nada. Assim, com relação à ajuda para aquela greve, ela se fazia necessária, porque, às vezes, você não consegue atingir o objetivo se não por meio de uma greve. Às vezes, quando se parte para a greve, é constrangedor, difícil, porque parece que ficamos malvistos dentro do município ou, talvez, até dentro da categoria, porque, enquanto uma quantidade xis de pessoas quer fazer greve, quer lutar, há outros que pensam diferente e acham que greve não constrói nada, que greve só destrói. Então, dentro da própria categoria, é muito difícil a construção de uma greve. E a Joana estava sempre intermediando isso, conversando, falando, faça assim, faça assado. Ela sempre buscava, ela levava até os advogados da APP quando alguma coisa poderia não acontecer.

Redação: Professor Fernando, para aqueles que não conheceram a Joana d’Arc, uma última pergunta: Como o senhor a descreveria, digamos assim, para aqueles que não a conheceram e que terão contato com o livro? Talvez as futuras gerações de professores. Em breves palavras, como que o senhor descreveria a vida e a pessoa da Joana?

Fernando Nogueira: A Joana era aquela mulher guerreira, que lutou enquanto pôde, morreu lutando, tentando o melhor para os professores. Ela não media esforços para poder ajudar o outro, para ajudar a sua categoria. É aquela mulher que partia para cima, que lutava mesmo; então, era uma mulher guerreira.

Homenagem para Lucilene Prates Tomaz Saidler

A homenageada Lucilene Prates Tomaz Saidler recebe da Escola Estadual Santa Terezinha uma homenagem toda especial por tudo que aqueles que a conheceram entendem que foi seu legado marcante e essencial: a amizade, o carinho e o incentivo para que os alunos estudassem.

Com carinho em cada gesto, acolhia cada aluno,
Seu sorriso constante era um afago oportuno.
Dedicação sem limites, sempre pronta a ajudar,
Seu amor pelo trabalho, impossível de ignorar.

Nos corações dos estudantes, deixou um brilho especial,
Sua presença era um abraço, um conforto sem igual.

Homenagem da Escola Estadual Santa Terezinha à funcionária e amiga Lucilene Prates Tomaz Saidler

Quando se pensa em ausência de uma pessoa querida, cabem algumas reflexões pertinentes aos nossos sentimentos em nosso cotidiano.

Ao se tratar de uma pessoa muito querida por todos, sua ausência ainda nos assola. Com o passar do tempo, nossa primeira obrigação é de agradecimento a Deus, que nos permitiu o convívio com quem nos auxiliou com sua colaboração e esmero, nos ensinando que nenhuma dificuldade poderia ofuscar os resultados de nossa atividade dentro ou fora da escola.

Passando pela memória do calvário dos nossos colegas Ederson, Silvia, Joana e Lucilene, neste momento me atento à Lucilene, que é merecedora de uma homenagem especial, por vários motivos, principalmente por ser tão atendida aos nossos alunos e professores, pelo afeto direcionado a cada um de nossa escola, quer atendendo na biblioteca, quer diante da

Associação de Pais, Mestres e Funcionários, da APMF, nas promoções da escola. Mesmo na rotina, podíamos contar com um trabalho que dignificava o nome “Santa Terezinha”.

Cabe aqui ressaltar sua presteza e alegria ao acomodar as necessidades educacionais dos nossos alunos e colegas no que era possível no momento, com um carinho sem igual.

O que testemunhamos nos primeiros momentos após sua passagem foi relutância de muitos em aceitar sua ausência em nosso meio, manifestada pelo choro, tristeza e, até mesmo, relutância em frequentar a biblioteca. No entanto, depois, passaram naturalmente a frequentar por ser um lugar que guarda paz, harmonia e os conselhos trazidos por Lucilene.

Nos primeiros dias, choros e soluços eram ouvidos na biblioteca e corredores, manifestações substituídas aos poucos por boas lembranças, preces, saudades e gratidão.

Sua simplicidade e sabedoria faziam com que ela resolvesse os pequenos problemas trazidos por nossos alunos, como o empréstimo de um livro, caneta, um aconselhamento e até mesmo um apoio moral ou, ainda, defendendo sempre a instituição “Escola Santa Terezinha”.

Ao chegar à sala de aula, depois de bater de leve, abria discretamente a porta e perguntava: - Posso?

Além de cumprir seu trabalho na sala e dar seu recado, sempre oferecia aos alunos uma palavra de apoio, incentivo ou um ensinamento simples e prático para a vida, ensinamento de quem viveu e sabia das coisas.

Tomo a liberdade de alterar um pensamento que trouxe de minha adolescência, pois vejo como justo e pertinente: “Guardo em meu mundo de flores aquelas que frutificaram”. Original: “Levo em meu mundo florido, as flores que fracassaram”. Lucilene não fracassou, mas frutificou.

Em tua casa, Lucilene, de paz e Luz, interceda por nós e esteja certa de que você terá a nossa saudade e preces. Amém.

A Lucilene gostava de criar as coisas e reciclar os objetos para o uso da biblioteca, da escola ou pessoal. A última lembrança deixada na capelinha que ela amava cuidar e rezar são dois vasos de planta num recipiente reciclado. Nossa eterna gratidão por tudo, Lucilene. Conte sempre com as nossas preces.

Irmã Faustina Biernaski e Comunidade Escolar Santa Terezinha.

Depoimento do filho de Lucilene – Nildson Arantes Tomaz Saidler sobre Lucilene Prates Tomas Saidler

Minha mãe representava uma mulher batalhadora, que sempre colocava a família em grande importância, sempre presente na vida dos filhos. Ela tem feito muita falta em nosso meio, era nosso porto seguro. Como funcionária da escola, ela tratava muito bem a todos e, principalmente, aos alunos. Ela era uma grande motivadora para nos dedicarmos aos estudos, bem como motivava os alunos com quem convivia para também se dedicarem a estudar. Da minha mãe, levo as melhores lembranças de alguém que, como profissional, era extremamente prestativa, dedicada. Gratidão por tudo que ela fez por nós, e a nossa saudade fica diante de sua partida precoce.

Depoimento de Gabriela Geralda Bianconi Novaes, estudante do 8º ano no Colégio Santa Terezinha quando ocorreu o acidente

A Lucilene era uma pessoa incrível. Com seu jeito honesto e doce de ser, ela conquistava a todos. Com educação e bondade, ela trabalhava. Com carinho e amor, ela nos ajudava. Recordo quando perdi a van e ela aguardou comigo até minha mãe chegar. Quando disseram que ela havia falecido, foi uma tristeza para muitos. Ela é uma pessoa que faz uma falta imensa até hoje em nossos corações. Tenho certeza de que o lugar que ela está é muito melhor do que o nosso. Em nossas mentes, ficaram as boas memórias dela em momentos festivos do colégio, nas comemorações do colégio onde ela trabalhava. É muito triste lembrar quando eu entrava na biblioteca e não a via em sua mesa, trabalhando. Com ela, aprendemos a ser pessoas melhores e, claro, a escolher o melhor livro de uma biblioteca. Ela nos ensinou a imaginar cada história dos livros, mesmo que não fosse uma história muito boa. Com muita honra, finalizo minha simples e bondosa homenagem para nossa eterna Tia Lu!

Entrevistas em homenagem à Sílvia Regina Gomes

As entrevistadas Fátima Possa e Sidneia Ferreira Assolari, além da Escola Santa Terezinha, prestam sua homenagem à Sílvia Regina Gomes por tudo que realizou pela educação e pelo seu legado incansável pela educação humanizadora.

Com sabedoria e paciência, guiava com destreza,
Plantando sementes de conhecimento e firmeza.
Cada aula, uma inspiração, cada palavra, um tesouro,
Seu legado é eterno, um brilhante e rico ouro.

No coração dos alunos, deixou marcas de amor e saber,
Sua luz continuará a brilhar, mesmo sem a podermos ver.

Entrevista concedida pela Professora Fátima Possa – Colégio Rio Branco de Santo Antônio da Platina, Paraná.

Redação: Prezada Fátima, poderia nos falar sobre a Sílvia, a pessoa e a profissional que você conheceu?

Fátima Possa: Conheci a Sílvia em 1991, quando passamos a trabalhar juntas na antiga LBA, hoje uma EMEI, na Avenida Oliveira Mota. Uma pessoa esforçada, era bem jovem e trabalhava também na APAE. Com o passar do tempo e com nossa convivência foi se transformando em uma grande amiga, sempre estudando à procura de um espaço maior na educação. No ano de 1996, fomos transferidas para outra escola, onde a Sílvia passou a atender no CAE devido aos cursos que possuía. Lá ela prestou um bom trabalho. Ela não media esforços para atender às crianças com dificuldades. Ela passou também a ministrar aulas no estado do Paraná, por meio de concurso, trabalhando em salas especiais.

Redação: *Quando depois a reencontrou? O que teria a dizer para a Sílvia caso a visse novamente?*

Fátima Possa: Eu a reencontrei no Colégio Rio Branco. Ela se casou, tinha uma filha e continuava na luta em busca de uma melhor condição de vida e na luta por uma educação de qualidade, quando perdeu sua vida. Ela tinha, assim, seus sonhos reforçados, a vontade de ver sua filha formada, encerrando, então, seus ideais de um futuro melhor. Foi esse sonho, essa luta que ficou na história da educação platinense. Sílvia sempre presente.

Redação: *Qual o legado da Sílvia para as futuras gerações?*

Fátima Possa: A Sílvia deixou um legado muito grande para todos nós, muito amiga, excelente profissional, totalmente comprometida com a educação. Levarei no coração a alegria de ter sido sua amiga e, sem dúvida, a educação leva na memória a importância de pessoas como a Sílvia, que se doaram pela educação de forma intensa.

Entrevista concedida pelo Professora Sidneia Ferreira Assolari – Colégio Rio Branco de Santo Antônio da Platina, Paraná.

Redação: *O que você teria para nos falar sobre a Sílvia e sua trajetória escolar?*

Sidneia Ferreira Assolari: Sílvia era uma pessoa carismática, sempre tinha as palavras certas no momento certo, era tranquila, de voz serena (calma). Suas principais qualidades eram a empatia, o respeito e a prestatividade. Sílvia nos deixou aprendizados que serão eternos para quem teve o prazer de conviver com ela, suas ideias, sua maneira de formar pessoas, contribuições para as futuras gerações, pois era uma excelente profissional.

Redação: *Se tivesse a oportunidade de rever a Sílvia, o que diria a ela?*

Sidneia Ferreira Assolari: Se tivesse a oportunidade de rever a Sílvia, com certeza iria até sua casa para tomarmos aquele café da tarde que combinei de ir e não fui. E, pior, a última vez que nos vimos e conversamos foi no domingo anterior à sua morte e ficou combinado de tomarmos café, porém não tivemos essa oportunidade. Devido a isso, deixo aqui a frase: “Não deixe para amanhã aquilo que pode fazer hoje!”.

Redação: *Como foi para você receber a notícia do acidente?*

Sidneia Ferreira Assolari: Fiquei sabendo do acidente de meus companheiros de trabalho por uma ligação de minha filha dizendo: “Mãe! Professores se acidentaram e pelos nomes que ouvi, você os conhece”. Fui logo na casa da Joana, onde encontrei sua filha. Muito chocada, ela contou toda a situação. Fui para casa muito mal, pois conhecia quase todos. Joana, Neguinho (Ederson) e Sílvia faziam parte de meu círculo de amizades, grandes companheiros, cada um com sua história. Eles nos deixaram grandes aprendizados, que, com certeza, levaremos para o resto de nossas vidas. Agradeço por ter tido o privilégio de ter convivido com pessoas especiais como eles. “A vida pode ser efêmera, mas as lembranças são eternas”.

Homenagem à Sílvia Regina Gomes

Amiga Sílvia Regina, tão querida, tão amável... nos conhecemos ainda bem jovens, éramos parceiras como professoras de Educação Especial na APAE de Santo Antônio da Platina, onde a Sílvia Regina também chegou a ser pedagoga. Excelente profissional! Organizada, inteligente de uma sabedoria ímpar no trato com as pessoas e os alunos.

Era serena e meiga. Muitas vezes, no silêncio, transmitia tudo que queria. Lembro-me ainda quando Sílvia Regina se exonerou e mudou-se para o estado de Tocantins. Conversamos dias antes, estava decidida – mais uma vez me surpreendeu com sua coragem e decisão. Ela permaneceu lá por pouco tempo e, no retorno, contou-me que seria mais tranquilo por aqui mesmo, ao lado da família. Foi aprovada novamente nos concursos que fez, pois era muito inteligente e capaz!

Sempre estávamos em contato, mas nos aproximamos mais nos últimos anos quando voltamos a trabalhar juntas. Parecia uma despedida (hoje entendo assim). Sempre muito próximas, compartilhávamos nossos sonhos além do dia a dia escolar. Sempre estávamos juntas. Sílvia Regina era de uma sabedoria muito grande. Lembro-me das conversas que tivemos, quando ela sempre dizia que não via a hora que chegasse o tempo de se aposentar, que gostaria de ficar em casa tranquila, viajar e “curtir” o tempo merecido. Até porque tinha Júlia...sua filha querida! Lembro-me quando Júlia nasceu. Foi a alegria de Sílvia e do “Neguinho”, assim conhecido o professor Ederson... era lindo vê-los passeando com Júlia... Demonstravam todo o amor pela querida Júlia... Lembro-me que, nos últimos dias, estávamos conversando sobre adolescência... mostrava-se preocupada com a filha... Já ouvi alguns sábios dizerem que sabemos quando vamos partir.

Na última semana, ela começou a trazer coisas de sua casa para a sala, como relatórios de alunos das avaliações que ela estava aplicando e, às vezes, queria terminar. Sempre verbalizando onde estava colocando. Lembro-me de que em um desses momentos ainda brinquei com ela: “Eita, amiga, quanta organização!”. Ela sorriu e disse: “Ei, amiga, nunca sabemos do amanhã...melhor deixar tudo certinho”. Sorrindo, contou-me que estavam comprando um terreno no cemitério.

Aquele mês foi um tempo de aproximação...estava sempre carinhosa comigo, preocupada porque via minha tristeza com o luto da minha mãe. Sempre vinha com uma palavra de conforto, um abraço carinhoso. Dizia que não queria nem pensar naquela dor... ela também se preocupava muito com sua mãe.

No último dia que nos vimos, na saída, voltei para buscar minha garrafinha de água que havia esquecido. Eu estava com meu netinho; ela nos viu, conversou com ele e disse: “Amiga, pede logo sua aposentadoria para curtir seus netinhos”. Sorriu para mim...último sorriso. Ah, se eu soubesse que a amiga estava se despedindo! Nos despedimos ali..., mas com a certeza de que ainda precisava falar com ela. Poderia ter agradecido pela caminhada, pelas sábias palavras de conforto, por nossa missão juntas.

Meu coração estava apertado naquele dia. Algo estava diferente. Pensei que fosse sobre minha mãe. À noite, entrei em contato com ela, estava na estrada. Conversamos sobre a semana seguinte que teríamos reunião – estávamos nos organizando. De repente, ela parou de responder...desejei que Deus os acompanhasse. Na manhã seguinte, vi que ainda não havia respondido. Achei que estava dormindo... Dormiu nos braços do Senhor.

A triste notícia...Sílvia se foi de forma trágica, lutando por nossos direitos, nos representando como sempre fazia. Conhecia leis, sabia de nossos direitos, porém não jogava pérolas aos porcos... sempre discreta e sábia. Só falava sobre esses assuntos quando era necessário. Serei eternamente grata pela caminhada, pela missão. Juntas, buscamos atender aos menos favorecidos na aprendizagem, demonstrando amor acima de tudo pelos nossos estudantes e pela nossa missão...chamada de profissão.

Descansa em paz, amiga querida...em tão pouco tempo, cumpriu sua missão.

*Saudades da sua colega e amiga
Neuza Aparecida Mendonça Martins,
da Irmã Faustina Biernaski e
de todos os amigos da Escola Estadual Santa Terezinha.
Nossa eterna gratidão e orações.*

Homenagem dos sobreviventes aos falecidos

Entrevista concedida por Juliano César Teixeira e Maria das Graças Oliveira em memória aos falecidos. Ambos são sobreviventes do acidente e relatam importantes detalhes dos momentos do acidente. Resta a esperança de que o exemplo dos colegas que faleceram lutando por uma educação de qualidade possa motivar novas lideranças na luta por uma educação de qualidade.

Juliano César Teixeira: Colégio Estadual Cívico Militar Dona Carolina Lupion/APP Sindicato, núcleo sindical de Cambará.

Maria das Graças Oliveira: Aposentada; Direção da APP Sindicato, núcleo de Cambará.

Redação: Estamos aqui com o Professor Juliano e com a Professora Graça, sobreviventes do acidente de uma van que saiu do norte pioneiro do Paraná e ia para Curitiba, a fim de participar de uma reunião do APP Sindicato. Daquele dia, qual é a primeira memória que vocês têm, que vocês levam pela vida desse acidente, dessa situação em que vocês estavam justamente lutando pela categoria?

Juliano César Teixeira: Boa tarde. Realmente, aquele dia foi um misto de sentimentos, uma sensação de muita tristeza pela perda dos companheiros que estavam conosco naquele dia de luta. A lembrança que me vem à mente é de pessoas engajadas numa luta pela educação pública de qualidade, por uma educação mais humanizada. Então, é uma mistura de sentimentos. Ao mesmo tempo em que estávamos com aqueles guerreiros, naquela excursão para Curitiba, com o propósito de lutar pela vida, lutar pela educação, lutar pela sociedade. Muitas lembranças boas dessa luta na APP Sindicato e demais movimentos populares, movimentos sociais.

Maria das Graças Oliveira: Sempre procuramos lutar pelo trabalhador, pela saúde, por melhores condições de trabalho. Essa sempre foi a nossa bandeira, sempre foi o nosso objetivo lutar por um mundo melhor, lutar por uma vida melhor.

Juliano César Teixeira: Foi um dia de muita tristeza, porque nos pegou de surpresa. Não esperávamos que às 11h30 da noite, às 23h30 melhor dizendo, vidas encerrariam o seu ciclo. Muita tristeza, muita dor. Estávamos indo para Curitiba, muito alegres, conversando bastante, como sempre fomos com os companheiros, nos alegrando e sempre discutindo sobre a política das lutas sociais, a luta por uma educação sempre melhor.

Lembro-me de que paramos para uma refeição na metade do caminho e seguimos viagem depois das 10 da noite. Por volta das 11, 11h30 da noite, 23h30, tivemos esse impacto, esse acidente, e, naquele momento, tudo ficou muito confuso na minha mente. Aquela batida, aquele impacto foi muito confuso. Lembro-me de alguns momentos que eu chamava pela nossa companheira Joana d'Arc, nossa companheira de Santo Antônio da Platina. Ficou muito escuro, né? Tudo escuro. A pancada muito forte. Até então, não sabia o que havia acontecido conosco. E eu gritava o nome dela. Chamava pela companheira, ela não respondia. Chamava o nome do motorista, também não respondia.

A minha esposa perguntava para mim o que tinha acontecido. Eu dizia que não sabia o que tinha acontecido, realmente por conta da pancada e da confusão na mente naquele momento. Lógico que eu sabia que estávamos ali, tinha acontecido um acidente. Isso na minha mente era muito claro, depois de uns dois, três minutos ali, mas não me lembrava para onde estava indo. Até então, deve ter sido o motorista do caminhão que se chocou com a van e abriu a parte traseira do veículo, da van, que nos conduzia para Curitiba, para a APP estadual. Ele perguntou se tinha alguém vivo ali dentro. Respondemos. Escutava também a nossa companheira Graça, que está conosco aqui.

Peço licença para falar da Professora Graça. Eu escutava a Professora Graça reclamando também, gemendo bastante devido ao impecável. Ela falava que ia morrer. No momento, apareceu uma pessoa que dizia ser um pastor evangélico. Ele fez as orações por nós, a Professora Graça

vai confirmar também, e disse para nós que não íamos morrer. Uma experiência muito forte, uma experiência impactante que nós tivemos. Ao mesmo tempo, o que eu disse, esse misto de sentimentos, de muita tristeza, de muita confusão. Pensava muito, naquele momento, na minha família, sentindo muitas dores. Tive algumas costelas fraturadas, quebradas. Também sofri, naquele momento da pancada, da batida, uma lesão na região do abdômen, era uma hemorragia. Passei por esse momento muito difícil. A companheira Graça também passou por grande sofrimento e vai poder esclarecer mais também do ocorrido.

Maria das Graças Oliveira: Em uma conversa boa, estavam todos assim, contentes, um passando ideias para o outro. Até vi a hora que nós saímos, chegou um pedaço, a gente acabou dormindo, cansados pelo trabalho árduo do dia. Sala de aula, 40 horas, oito horas por dia. Saímos cansados. Quando acordei, me dei conta do que havia acontecido. A única coisa de que eu me lembro é que eu estava com a cabeça toda aberta. A impressão que eu tinha naquele momento é que senti que a minha cabeça tinha aberto como uma flor, ela estava arrebatada. Entrei em desespero.

Ouvia do meu lado a Aparecida, ela gemia muito. Ela gemia, gemia, o Juliano gemendo, a esposa dele, a Fernanda, tentando acalmá-lo. Estávamos em um lugar muito escuro, muito escuro. Não dava para enxergar nada, a gente só via, de vez em quando, uma luzinha de carreta que passava, não é, Juliano? Eram algumas luzinhas que passavam. Nesse momento, aquele desespero, comecei a pedir socorro, não sabia onde a gente estava. Eu pedia muito para Deus, pedia para Deus me livrar daquilo ali, pedindo socorro.

Lembro-me da Doquinha ali gemendo. Uma das que estavam conosco, estava com muitas dores, machucada, mesmo assim, disse: “Fica tranquila, nós vamos ser socorridos. Você vai”. E eu falei: “Eu não. Eu quero socorro para todos. Eu quero que todos tenham o mesmo socorro”. Foi um momento muito difícil para a gente. Daí chegou um senhor, eu lembro dele do pescoço para baixo, não lembro onde a gente estava direito. E ele veio conversar, perguntou meu nome, e o desespero foi muito grande. Perguntou o meu nome, eu falei de onde a gente era, de onde eu era, para onde nós estávamos indo, estávamos indo para Curitiba, para a Conferência. Ele

queria saber dos demais que estavam na van, e eu expliquei quem era de Cambará, quem era da Barra, os professores de Santo Antônio, e não tinha noção do que tinha acontecido ali. Eu não sabia que era um acidente tão grave, sabia que era um acidente, mas a gravidade ali eu não sabia. Até aí eu soube. Até esse momento, eu conversando com ele, ele tentando acalmar, e eu não vi mais nada.

Posso dizer, eu vi até aí, e até hoje eu tenho uma lembrança muito triste. É uma coisa assim da gente ver ali, não saber o que aconteceu. Não posso contar para ninguém que foi acidente, como fomos retirados dali. Não me lembro. A única coisa de que me lembro é na UTI, em Ponta Grossa. Chegaram minhas irmãs e a minha sobrinha que foram perguntar se eu sabia onde os outros estavam. Falei que havia passado uma enfermeira dizendo que eu estava em Ponta Grossa. É uma coisa assim que a gente jamais esperava.

Minha sobrinha mora em Curitiba, é enfermeira do HC. Ela e as minhas irmãs e o primo dela, não tenho como agradecer a Deus e a eles, me levaram para Curitiba. Fiquei na casa dela, levou para muitos lugares, porque ela conhece muitos médicos, passei por um grande tratamento. Passei por um médico vascular. Um pneumologista queria saber o que tinha acontecido, porque eu estava com o rosto todo quebrado. Só então fiquei sabendo de toda a tragédia.

Daí, foi meu susto. Foi um momento muito difícil. Muito difícil, porque perder esses amigos, esses guerreiros de luta, assim, de vez – nem que se fosse um, a gente ia sentir. Mas foi, assim, coisa muito grande que, da nossa memória, sabemos. Esse é meu relato.

E hoje eu estou em tratamento ainda. Tenho... Tive que tirar o olho direito, mas, graças a Deus, ficou o esquerdo. Estou bem, enxergo bem, graças a Deus. É tocar a nossa vida, né? Agradecendo a nossa vida, né, Juliano? Nós temos que agradecer. Hoje, eu digo para todos, para minha família, para meus amigos, para os companheiros que sempre estão lutando conosco: “Pessoas ali faleceram, morreram lutando. Pessoas que morreram ali por uma causa nobre”.

Juliano César Teixeira: A gente sabe que a educação tem o poder de transformar vidas. A educação é o instrumento mais valioso que considero

como poder de mudar a vida das pessoas. Então, foi por meio do depoimento da Professora Graça também que eu posso também, agora, me recordar, não que eu tenha esquecido, mas a gente vai lembrando alguns fatos que ocorreram. Todos que estavam conosco eram pessoas muito queridas do nosso cotidiano. Podemos citar também a Professora Aparecida Cunha, de Barra do Jacaré, porque passamos por três municípios. Saímos de Cambará, nós três, pegamos duas pessoas na Barra do Jacaré, que foi a Aparecida Lúcia Cunha e também a Andréia, uma funcionária de escola, que sempre estava conosco na luta. Passamos em Santo Antônio da Platina e pegamos os demais companheiros que faltavam ali para a gente poder seguir viagem. Naquela noite, foi uma viagem muito tranquila, sabe? Uma noite muito bonita, uma viagem muito tranquila até a tragédia acontecer.

Não esperávamos o que ia acontecer. Um acidente que ninguém espera. Nossa vida é assim, não esperamos. O dia de amanhã não pertence a nós e, hoje, eu agradeço muito aos companheiros que intercederam, que rezaram, que oraram por nós, que pediram a Deus pela nossa recuperação. Também oramos muito para a família das vítimas que faleceram, que se foram. Foi um momento de muita tristeza. Ainda me lembro, em casa, me recuperando, as pessoas iam nos visitar e a minha esposa, chorava muito. Tanto é que, quando a pessoa ia perguntar alguma coisa sobre o acidente, como foi, como ocorreu, ela já começava a chorar. Emocionalmente, ela ficou muito abalada. Acho que fiquei mais machucado fisicamente, foram ali cinco costelas quebradas, a hemorragia interna que tive também, fui conduzido no momento desse acidente para Santa Casa de Ponta Grossa, onde tive um atendimento muito bom. Cada um foi levado para um hospital.

Foi um atendimento muito humano mesmo. Ver toda aquela equipe médica, as enfermeiras envolvidas fazendo de tudo para amenizar a dor da gente. As dores internas eram muito fortes, a minha esposa não teve tantas, sofreu algumas fraturas, menos do que eu. Ela ficou internada por um dia, no outro, se não me falha a memória, no máximo dois dias, teve alta e a família foi buscar em Ponta Grossa. Fiquei internado e continuo internado. Cada um levado para um lado, ninguém sabia de ninguém, não sabia quantas pessoas tinham falecido. Depois, fiquei pensando na gravidade da situação do acidente, das pessoas que faleceram. A tristeza foi muito grande. Recebemos muitas visitas, solidariedade das pessoas, das

famílias que perderam seus entes queridos. Foi uma coisa muito ruim, porque sentimos a perda. Nenhum ser humano está preparado para perder alguém. A gente sabe disso. A dor é muito grande. Mas o que nos restou foi fazer essa homenagem às pessoas que se foram por esse bem comum, lutando por uma causa nobre e pelas famílias também que, de certa forma, acabaram compreendendo que as pessoas que estavam envolvidas nesse propósito, o de lutar por uma educação justa e de qualidade, eles estavam ali, morreram ali por um bem. Uma luta que nós não paramos.

Maria das Graças Oliveira: Mesmo bastante psicológica e emocionalmente abalados, levantamos a cabeça. Durante a recuperação, recebemos, como eu disse, várias visitas, muitos amigos. Aos que não puderam ir, nossa compreensão é enorme, porque a gente sabe que estavam na torcida por nós, e, hoje, eu só tenho que agradecer. Agradecer muito a Deus e agradecer muito a todas as pessoas que pediram por nós. Agradecer à população, aos meus amigos, familiares, às igrejas, porque a gente chega no município, é acolhido, tem amigos. Muitos amigos chegaram em desespero aqui em casa, com as minhas irmãs, e hoje a gente sabe. Hoje, a gente tem assim... Não que a gente queira, né? Mas a gente sente o quanto as pessoas, o quanto tudo isso abalou as pessoas. Não fomos apenas nós.

A importância dos funcionários e professores da Educação: uma análise a partir de Dermeval Saviani e Paulo Freire¹

Fábio Antônio Gabriel

À luz da memória dos colegas que faleceram a caminho de uma assembleia de reunião em Curitiba, importante destacar o papel de professores e funcionários da educação pública na transformação social da sociedade. Recordar o falecimento de nossos colegas é também uma forma de lembrar a função e a importância social de cada professor e professora e funcionário da escola pública para a vida das pessoas, sobretudo as mais desfavorecidas. Nesse contexto, apresento, a seguir, breves considerações sobre a escola pública a partir de dois baluartes que entendo serem muito importantes para a educação brasileira: Dermeval Saviani e Paulo Freire. Estas reflexões podem ter sido apresentadas em outros momentos, como em textos didáticos para a sala de aula, bem como em trabalhos sobre Paulo Freire e Dermeval Saviani. No entanto, é meu objetivo destacar o que é essencial entender na vida desses dois pensadores para a educação democrática brasileira.

Dermeval Saviani representa uma importante pilastra para se pensar em uma educação emancipadora para todos. Por sua pedagogia histórico-crítica, ele propunha uma educação que estivesse fundamentada em questões da práxis social. Para ele, o conhecimento científico não se expressa apenas como um conhecimento isolado do cotidiano, mas é o conhecimento científico acumulado de geração em geração que deve estar a serviço da promoção humana das futuras gerações na busca por uma sociedade que valorize mais os saberes escolares.

¹ Os artigos e entrevistas presentes nesta coletânea são de responsabilidade exclusiva de cada autor ou entrevistado.

Saviani (2013) afirma que a obra *Escola e democracia*, de 1983, constitui um preâmbulo para a pedagogia histórico-crítica, principalmente o terceiro capítulo, intitulado “Escola e democracia II – para além da curvatura da vara”. O ponto de partida das reflexões é entender a educação na categoria “trabalho não material”. Saviani (2013, p. 7) aponta que “[...] o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem”.

Crítico do positivismo, o autor defende a objetividade do conhecimento, mas nega a sua neutralidade. A pedagogia histórico-crítica para ele consiste no reconhecimento das condições históricas em que o conhecimento e a consequente conversão do saber objetivo em saber escolar são produzidos. E vai além quando coloca que, no processo da pedagogia histórico-crítica, os alunos não assimilam apenas o conhecimento, mas, sobretudo, o processo de produção do conhecimento.

Saviani (2013) pontua que a visão crítica-reprodutivista teve uma importante relevância na crítica à pedagogia tecnicista. Ele destaca que a visão crítico-reprodutivista não consegue descrever como seria uma prática de caráter crítico. Diante desse cenário, em 1978, Saviani cunhou a expressão “concepção histórico-crítica”, somando a questão das concepções crítico-reprodutivistas à da dimensão histórica.

Um marco histórico na constituição da pedagogia histórico-crítica é o texto “Onze teses sobre educação e política”, que foi publicado na obra *Escola e democracia*, em 1983. Tal texto pretende superar tanto o politicismo pedagógico (que dissolve a educação na política), quanto o pedagogismo político (que dissolve a política na educação). Saviani (2013) busca constituir uma proposta que não seja nem tradicional, nem escolanovista. Ele entende que a questão central da pedagogia é o método, o processo.

Nessa perspectiva, cientista e professor têm papéis diversos; enquanto o primeiro se esforça para avançar a sua área de conhecimento, o segundo se dedica ao desenvolvimento intelectual do aluno. Assim, a premissa de ensinar e pesquisar, embora tenha ampla relação, não são semelhantes, isto é, o melhor geógrafo pode não ser o melhor professor de geografia. Isso porque é fundamental que o professor saiba a aplicabilidade prática de determinado conhecimento na vida cotidiana do aluno.

Muito embora Saviani (2013) utilize o termo “pedagogia dialética”, a partir de 1984, ele dá preferência à pedagogia histórico-crítica. Ele

esclarece o que ele entende por pedagogia histórico-crítica da seguinte maneira:

[...] é o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da pedagogia histórico-crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana (Saviani, 2013, p. 76).

Para compreender essa visão de educação proposta por Saviani, retomo Karl Marx, que afirma que os homens fazem história, mas não fazem como querem, mas, sim, movidos por suas condições materiais. A educação deve ser entendida em um projeto de transformação social. A educação é fruto de um longo período histórico. O ser humano, diferente dos animais que se adaptam à natureza, acaba por adequar a natureza, transformando a realidade histórica.

A pedagogia histórico-crítica surgiu como crítica à Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – Lei nº 5.692/1971 –, a qual, com sua visão tecnicista, desumanizou os processos educativos, enfatizando seu caráter reprodutor. Saviani (2013) organiza um referencial teórico que dê conta de se contrapor à crítica reprodutivista. A pedagogia histórico-crítica demonstra um enraizamento histórico e uma luta pela transformação social dos educandos. O objetivo é pensar na filosofia da práxis, que articula a relação entre teoria e prática, lembrando o imperativo de Marx de que os homens até o momento refletiram sobre o mundo, urge transformá-lo.

A pedagogia histórico-crítica trabalha não a partir de uma visão idealizada de aluno, mas parte do aluno concreto, que é mobilizado por circunstâncias históricas. Deve-se valorizar a história para se pensar as possíveis transformações na concretização da emancipação humana.

Gasparin (2012), em sua análise didática sobre a pedagogia histórico-crítica, pontua a importância de se conhecer a prática social dos alunos. Assim, o professor é convidado a buscar o que eles já conhecem, a procurar conhecer a realidade dos alunos, suas motivações e seus anseios. O autor, nos procedimentos didáticos práticos, destaca que é de fundamental importância que o professor informe aos alunos seu referencial metodológico, cujo objetivo é a transformação social.

Gasparin (2012), no item vivência cotidiana dos conteúdos, aponta como primeiro momento a constatação do que os alunos já sabem e, em um segundo momento, a busca da compreensão do que os alunos gostariam de saber mais sobre determinado conteúdo. Assim sendo, temos como pano de fundo da compreensão do mundo do aluno a sua prática social, a sua realidade histórica.

Enfim, as questões sociais e a transformação social são o enfoque principal da pedagogia histórico-crítica. Há uma gênese histórica de seu surgimento que parte das teorias reprodutivistas, mas não se limita a elas, principalmente no que se refere à historicidade. Para Saviani (2013), as circunstâncias históricas possibilitaram o surgimento da pedagogia histórico-crítica, que, diante do tecnicismo vigente na época da Ditadura Militar (1964-1985), provocou uma mudança paradigmática no modo de se pensar a educação. O ideal marxista (filosofia da práxis) move a pedagogia histórico-crítica em direção à transformação social dos estudantes.

Paulo Freire foi um grande educador que deixou um legado importantíssimo para a educação não apenas brasileira, mas internacional. Considerado patrono da educação brasileira, deixou-nos um aporte teórico da educação como emancipação. A experiência de alfabetizar em Angicos, Rio Grande do Norte, poderia ser multiplicada pelo Brasil se a Ditadura Militar (1964-1985) não o considerasse “perigoso”, obrigando-o ao exílio. Freire foi um defensor ferrenho da democracia, e, certamente, não foi por acaso que essa ditadura o tenha considerado um subversivo.

Ghiraldelli Jr. (2012) pontua que Freire é um dos teóricos da educação que, a partir da década de 1960, passou a ser conhecido internacionalmente. Dentre tantas obras, no cenário internacional, destacam-se *Pedagogia do oprimido*, cuja publicação se deu primeiro em inglês (1968), depois traduzida para o português e espanhol. Sua outra obra *Ação cultural* (1974) foi redigida em Cambridge e publicada pela Universidade de Harvard.

Paulo Freire pressupunha que a educação seria um ato político, no sentido aristotélico do ser humano ser um ente social em essência. Seu método de alfabetização parte de expressões que as pessoas vivenciam no seu cotidiano; assim, a educação deveria respeitar os saberes do educando. Em *Pedagogia do oprimido*, Freire disserta sobre a importância de uma

educação emancipatória que promova a dignidade da pessoa humana. O papel do professor, do seu ponto de vista, se desloca da posição de dono do saber para a daquele que auxilia a emancipação humana.

Nessa perspectiva, a educação não é neutra, mas está a serviço da superação de situações de afronta à dignidade humana. As “palavras geradoras” do método de Freire, ao contrário dos temas definidos nas cartilhas, implicam um posicionamento emancipador e de busca do êxodo da condição de oprimido rumo ao respeito pela dignidade da pessoa humana.

Freire (2021, p. 47) afirma que “[...] saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua construção”. Ele critica frontalmente uma educação que seja bancária e enciclopédica e que se limite a transmitir conteúdos. Os estudantes não são polos passivos do conhecimento, mas, sim, seres atuantes no processo do conhecimento. A instituição escolar, na sua visão, não pode ser alheia ao processo de construção do conhecimento da realidade dos estudantes. Alfabetizar consiste em construir uma ponte para que o estudante seja um construtor da sociedade, almejando a transformação social. Complementam essa linha de pensamento, os seus dizeres, quando afirma:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (Freire, 2021, p. 81).

Freire (2021) afirma que faz parte da dinâmica dos dominadores inculcar nos dominados a responsabilidade pela sua situação. Em um mundo com tantas desigualdades sociais, encontramos ainda pessoas que defendam a meritocracia, como se as pessoas partissem das mesmas condições socioeconômicas.

A pedagogia bancária, em que se depositam conhecimentos sem estar atento às grandes desigualdades e sem relacionar com o cotidiano dos alunos, torna-se alvo de grande crítica por parte de Paulo Freire. Ele insiste na necessidade de se ultrapassar a falsa dicotomia entre teoria e prática. Urge ressaltar que, em um entendimento transformador da realidade, a teoria ilumina a prática no caminhar da transformação social e da emancipação humana.

Na obra de Saviani (2010), Freire, em entrevista, problematiza a relação entre neoliberalismo e educação. Ele entende que vivemos em um contexto neoliberal de grande relevância, em que percebemos uma grande concentração de capital de um lado e a fome e a miséria crescendo em outra perspectiva. Paulo Freire assume a tarefa de denunciar as grandes desigualdades impostas pelo capital: “Denunciar aquela perversidade que é intrínseca à estrutura deste sistema é, ou pode ser anunciar caminhos que a modernidade sugeriu e não cumpriu” (Saviani, 2010, p. 6).

Nesse sentido, vemos em Freire uma educação comprometida com a análise da conjuntura educacional, em prol de uma busca constante de espaço para todos em uma sociedade democrática. Ele incomodou a poderosos de seu tempo e continua a incomodar, no contexto atual, pois há tantos que são contra a melhoria social dos menos favorecidos.

Freire, na entrevista a Saviani (2010), relata a ineficiência da tecnologia para criar uma sociedade com melhores condições para todos. Segundo Freire, a técnica está a serviço do neoliberalismo voraz que acaba por instrumentalizar tudo para ser um braço do capital, do lucro.

Faundez e Freire (2021) apontam o sofrimento de Freire ao ser exilado, levando-o quase ao desânimo. No entanto, ele soube aproveitar a própria experiência de exilado e contribuir para a educação no âmbito internacional. Assim diz Freire (2021, p. 49): “O exílio é o exilado assumindo, de forma crítica, a condição de exilado. Se ele assume assim, se faz sujeito do aprendizado que a circunstância lhe impõe”.

Enfim, podemos entender que Paulo Freire é um intelectual orgânico (para utilizar uma categoria de Gramsci), no sentido de que, mesmo perseguido, manteve acesa a esperança de uma educação comprometida com a transformação da sociedade. Na sua concepção, o estudante é um polo ativo no processo do conhecimento, e não receptáculo de uma educação meramente bancária. Aqueles que combatem ideologicamente Paulo Freire certamente desconhecem seu legado em prol da democracia e da liberdade de pensamento ou são contra a melhoria de condições de vida para os mais desfavorecidos.

Entendo que é muito importante destacar o quanto alinhada esteve a vida desses professores e funcionários com o ideal de uma busca por uma educação pública democrática e de qualidade. Esse livro exemplifica o

quanto suas presenças foram marcantes e fundamentais para uma prática emancipadora e pela busca constante de uma vivência ética. Enquanto houver pessoas a lutarem pela educação, há sinal de esperança. Nossos colegas nos enchem de esperanças em prol de uma busca constante por uma sociedade que seja livre e emancipada.

Referências

FAUNDEZ, Antônio; FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2012.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **As lições de Paulo Freire**: filosofia, educação e política. Barueri: Manole, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Interlocuções pedagógicas**: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação. Campinas: Editores Associados, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2013.

A luta sindical perdeu companheiros de luta no fronte, mas nunca serão esquecidos²

Alex Ferreira Garcia

Partimos do pensamento de explicar as partes pelo todo e o todo pelas partes, pois o sindicato é feito de todos que ali estão presentes: presentes no estudo; presentes nas negociações com secretários de Educação (estaduais e municipais); presentes nas negociações com governadores e prefeitos; presentes nos congressos de estudo e nas assembleias de decisões da categoria; presentes no dia a dia da escola, passando informes e conversando com professores, funcionários e diretores. Sim, a palavra “presente” se faz sempre presente. Por isso, para entendermos as partes, temos de entender as lutas das quais esses sujeitos participaram.

Essas lutas têm um foco: lutar pela Educação e pelo que é justo, sendo o justo termos condições de trabalho dignas para todos, com ambiente escolar profícuo, perante uma ótima estrutura e um ótimo meio de prover um ensino-aprendizagem digno. Contudo, essas lutas não têm conseguido ter muitos frutos nos últimos anos, havendo até retrocessos. Portanto, abordamos, aqui, um pouco da luta que nossos amigos que partiram faziam e, por isso, estão presentes para sempre nessa luta, presença não mais física, mas na memória dos que ficam e dos que virão, pois, ao fazer parte do passado, se torna sempre presente no cotidiano e nas ações do futuro, sendo exemplos. Afinal, tudo que colhemos hoje são os frutos oriundos das sementes do passado; assim, nossos companheiros de luta são sementes que germinarão no futuro. Como os mártires do Dia do Trabalho, nos Estados Unidos, no século XIX, que morreram sem ver o fruto da luta que faziam. Eles pediram oito horas de trabalho diárias,

2 Os artigos e entrevistas presentes nesta coletânea são de responsabilidade exclusiva de cada autor ou entrevistado.

não as de 12 a 16 horas que tinham. Colhemos, hoje, os frutos plantados por eles; assim, nossos companheiros de lutas deixaram sementes que germinaram e serão colhidas no futuro. De nossos amigos que se foram, há a certeza de que são sementes agora.

Como classe de trabalhadores que luta por boas condições de trabalho e vida, assim como aposentadoria digna e nossos direitos básicos, tivemos essas reivindicações que foram envoltas em processos amplos de lutas, que passam pelo processo fabril, no qual não temos mais nossos meios de existência em nossas mãos, mas, sim, estão a cargo de estados e empresas, com os quais temos de negociar melhorias e valorização do labor, assim como investimentos para um melhor processo de ensino-aprendizagem. Ressaltamos o processo que ocorreu há pouco tempo, as greves de 2014 e 2015, com grandes embates entre governantes e trabalhadores, funcionários públicos de diversas áreas (educação, saúde, segurança, entre outros), tendo maioria da Educação (professores e funcionários).

Antes do trágico acidente que vitimou nossos companheiros de luta, vamos ressaltar as lutas recentes que eles fizeram, para memoriar as ações deles em vida e não somente a partida. Nos últimos anos, a luta sindical dos trabalhadores da Educação Paranaense foi difícil, pois há um processo sistemático de demonizar o sindicato ou mesmo de atacar quem dele faz parte, sem levar em conta que todos os avanços que tivemos, em matéria de direitos laborais, ou seja, direitos trabalhistas, foram conquistados pela organização dos trabalhadores, principalmente em sindicatos. No entanto, na conjuntura recente em nosso Estado, os trabalhadores da Educação não tiveram um período fácil, pois sofreram ataques em seus ganhos de existência, tendo salários congelados (sem receber reajuste da inflação) por longos períodos, além dos aposentados sofrerem com a deterioração do Fundo de Aposentadoria, o Paraná Previdência, após reforma trágica em 2015, culminando com a tributação de aposentados para suprir a reforma que fizeram.

Ressaltamos essa reforma, pois ela começou no início de 2015, quando o sindicato fez enfrentamento para que ela não ocorresse, pois prejudicaria todos os trabalhadores da Educação Paranaense e, em longo prazo, os próprios cidadãos paranaenses, pois a quebra do Fundo de Aposentadoria implicaria em onerar os cofres públicos, em longo prazo,

para pagar o provimento, que é de direito dos aposentados, pois não haveria mais o fundo com as contribuições previdenciárias perante sua dissolução.

Em fevereiro de 2015, houve o “Pacotaço”, repercutindo na ocupação da Assembleia Legislativa pelos trabalhadores, não somente da Educação, mas de grande parte do Executivo Estadual Paranaense, representados por seus sindicatos e associações, como policiais civis, agentes penitenciários, professores universitários, enfermeiros, médicos, professores e União de Estudantes, com grêmios e centros acadêmicos também. No montante, era uma boa parte da sociedade organizada para preservar o Estado de Direito a todos os trabalhadores e o Estado em si, pela sua solidez econômica em longo prazo. Em fevereiro, o governo recuou e retirou o “Pacotaço” após a forte manifestação que ocorreu, inclusive com manifestantes dormindo na casa Legislativa do Estado, para pedir reconsiderações sobre a forma e os atos do governo e as leis que estavam sendo debatidas. Vitória dos trabalhadores, que foi celebrada, mas, infelizmente, não durou muito. O governo reapresentou parte do “Pacotaço” em abril do mesmo ano, sendo o dia 29 de abril de 2015 um fatídico dia para os trabalhadores, não somente com a perda de parte do fundo de aposentadoria, mas também com as agressões e desrespeito sofrido por todos que ali estavam. No *site* do sindicato, há um breve resumo do ocorrido:

2015 - Foram 29 dias de uma greve intensa, com ocupação na Alep, recuo do governo e vitória da educação. APP levou milhares de educadores(as) para as ruas, teve apoio de mais de 90% da população e trouxe conquistas importantes para a sociedade paranaense, como a queda do regime de votação em Comissão Geral na Alep, que favorecia aprovação atropelada dos projetos do Governo. A greve é retomada no dia 29 de abril, quando um protesto de servidores(as) em Curitiba foi brutalmente reprimido com cães, balas de borracha, gás lacrimogêneo e bombas atiradas de helicópteros. Mais de 400 manifestantes ficaram feridos(as). Depois do Massacre do Centro Cívico, a categoria se manteve em greve e em defesa da data base e conquistou a aprovação de lei para zerar as perdas salariais em três reajustes parcelados.³

Na luta sempre, companheiros que nunca abandonam ou abandonaram a causa estão sempre presentes. Esse é o pensamento, dentro do sindicato, dos mais antigos, sobre os companheiros de luta.

³ Disponível no histórico da APP-Sindicato, em: <https://appsindicato.org.br/historico/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

Andreia, Presente! Aparecida, Presente! Camiloti, Presente! Joana D’Arc, Presente! Lucilene, Presente! Silvia, Presente! Miguel Henrique, Presente!

Para além de lutadores pelas causas sindicais e trabalhistas, eram seres humanos, sendo pais, mães, tias e tios, assim como amigos e companheiros de trabalho.

Trazemos, então, uma experiência de vida, de almoços na sala dos professores do colégio, entre os turnos matutino e vespertino, de dois professores – Professor Alex Ferreira Garcia, do Colégio Estadual Rio Branco (Santo Antônio da Platina), com a Professora Joana D’Arc Franco Bertoni, narrada pelo Professor Alex – assim como o fatídico acidente:

Almoçávamos juntos no colégio, cada um com sua marmita e com trocas entre nós, juntamente com outros professores. A Professora Joana sempre sorridente e de um humor ímpar. Debatíamos sobre a luta sindical, a vida e as experiências que tivemos. Ela sempre falava das filhas e o quanto estava orgulhosa de ver o empenho delas em trabalhar e estudar. Uma estava no interior e a outra na capital, se não me engano. Pensem em uma mulher feliz pelo empenho e realizações das filhas. Ela também tinha outra filha mais velha, que não falava muito dela, mas que também a amava e dizia que também era muito inteligente. Nossas prosas nos almoços, em ambiente escolar, eram sempre divertidas e também perpassavam pelo revolucionário, pois sempre tínhamos grandes mudanças em mente, para serem feitas, e como todos os trabalhadores da Educação não sabem a força que possuem, já que a educação é uma das forças motrizes da sociedade, que pode transformar e tornar a sociedade melhor para todos.

Uma das coisas que mais entristecia, segundo a Joana, era a ingratidão de muitos professores, pois sempre cobravam os representantes sindicais e não participavam da luta, . Também falávamos que alguns que se elegeram com a bandeira de defender os trabalhadores muitas vezes fizeram acordos pela “governabilidade” e não faziam o que se esperava que fizessem, e fazer manifestações pelos investimentos na educação era uma ação que sempre os trabalhadores deveriam fazer, pois os governantes devem ser cobrados para agir e não devemos defender governos ou governantes, mas, sim, cobrar que façam o justo.

Um tema que sempre falávamos era a greve de 2015 e como a categoria estava unida naquele momento, mas que teve um fim trágico, com um verdadeiro massacre, no dia 29 de abril de 2015. Naquele momento, um governo que defende mais a linha dos grandes empresários e não faz nada pelos pequenos empresários e pelos trabalhadores estava tirando o fundo previdenciário e sucateando a educação. O fato de modificar o fundo previdenciário uniu várias categorias de trabalhadores no Estado do Paraná, e seus sindicatos, juntamente com o Fórum das Entidades Sindicais do Paraná, o FES, para juntos fazerem manifestação contra as mudanças que o governo estava prestes a realizar.

Nesses embates, grandes modificações foram evitadas, devido a muita luta, com ocupação da Assembleia e pressão com grandes mobilizações, tendo algumas delas mais de 60 mil pessoas em manifestação, além de todas as escolas e colégios estaduais fechados, em greve, como meio de fazer pressão. Com grandes acampamentos, em frente ao Palácio do Iguaçu e da Assembleia Legislativa, na praça Nossa Senhora da Salete, em Curitiba. Também conversamos sobre as ocupações de núcleos de Educação e da Secretaria de Educação, fatos que pressionam o governo e este acabava cedendo a muitas das reivindicações. Joana relatou que cheirou muito gás (de pimenta e/ou lacrimogênio) no fatídico 29 de abril, e que muitos haviam se machucado no dia. Relatei também que levei dois tiros de projéteis de borracha e uma bomba no braço, assim como também inalei muito gás. Foi um cenário lastimável, pois havia senhoras aposentadas, estudantes (secundaristas e universitários), funcionários de diversas áreas do Executivo, enfermeiros e médicos, professores universitários, professores de várias regiões do Estado, agentes penitenciários, policiais civis e agentes educacionais.

Também falávamos que o sindicato deveria ser mais unido também, pois, na nossa região, o núcleo de Jacarezinho dividiu-se e criou-se o núcleo de Cambará, que a Joana fazia parte da direção, em muitas das gestões. Essas divisões políticas não deveriam existir, pois o foco deveria ser único: conscientizar os trabalhadores que nenhum direito é dado, todos os direitos são conquistados e temos de lutar para mantê-los! Passando do simples ato de ter descanso remunerado, aos finais de semana, para jornada diária de trabalho, férias, plano de carreira, hora-aula/hora atividade e reajuste

inflacionário, até a tão merecida aposentadoria, todos esses direitos foram conquistados com muita luta. E, infelizmente, os que lutam são chamados por integrantes da própria categoria, categoria dos professores e funcionários, de “baderneiros”, “vagabundos”, “esquerdistas”, “comunistas”, entre outros adjetivos que são utilizados para tentar menosprezar a luta ou agredir quem por ela faz. E os próprios que dizem essas palavras são, por muitas vezes, os que mais se beneficiam de todos os direitos adquiridos com muito suor e sangue de trabalhadores, que, no decorrer do tempo, lutaram para ter esses direitos.

Fazíamos também algumas horas-atividades juntos, planejando aulas, corrigindo provas e falando sobre diversos assuntos. Joana também trabalhou muito tempo com os menores infratores que estavam privados de liberdade. Ela relatava que eram “delinquentes”, mas sempre respeitavam o que ela falava, e que eles precisavam de uma referência na vida para poderem sair do meio do crime. Muitos deles tinham alta intelectualidade, mas usavam essa capacidade cognitiva para fazer coisas ruins, infelizmente. Como Joana era muito carinhosa, ao modo dela, os alunos sempre criavam vínculo com ela, tendo admiração e respeito.

Relato o dia fatídico do acidente que ceifou a vida desses trabalhadores e lutadores. Como já relatado, o núcleo sindical de Jacarezinho é separado do núcleo sindical de Cambará, e, para participar da 8ª Conferência Estadual da APP, a primeira presencial após a pandemia da covid-19, que era para ser realizada nos dias 12 e 13 de agosto de 2022, em Curitiba (não foi realizada naquela data, perante o luto, foi transferida para outra data). O núcleo de Cambará foi com uma van e o núcleo de Jacarezinho com outra van. A van de Cambará saiu no começo da noite do dia 11 de agosto de 2022, e a Van de Jacarezinho saiu mais tarde, pois havia muitos professores e funcionários que trabalhavam no período noturno e iriam somente após o expediente.

Estava dormindo na van de Jacarezinho quando, em uma parte da PR-376, quase chegando ao posto da Polícia Rodoviária que há lá, acordei com muitas luzes de giroflex e olhei pela janela, na qual pude ver um caminhão com uma lona preta, passada por toda a parte traseira e que encobria todas as luzes do veículo, e uma van com a frente destruída. Não pude identificar quem era ou mesmo de onde era aquele veículo, somente vi isso e que havia

muita neblina na região. Deduzi que o motorista da van não teria visto o caminhão, por causa da lona, e bateu com toda a velocidade contra aquele veículo. Chegando em Curitiba, no hotel que ficaríamos nos dois dias do evento, ficamos sabendo que aquele veículo que sofreu o acidente era do Núcleo Sindical de Cambará e que alguns dos nossos companheiros haviam falecido no local. O professor Nilton Stein, que estava de carro no evento, se prontificou em ir ajudar, no que fosse possível, e se deslocou até o local. Ele relatou que teve de ajudar na identificação dos corpos e no trâmite legal da documentação para liberação dos corpos, assim como foi até o hospital para ajudar quem estava hospitalizado. Passou a informação de que, infelizmente, muitos dos nossos companheiros haviam falecido no local e que havia mais alguns em estado grave. Fomos para o local do evento para fazer uma homenagem aos nossos companheiros de luta e pedir orações para eles. A direção da APP-Sindicato, na representação de sua presidente falou:

“Nesta noite, perdemos colegas com quem partilhamos uma vida de sonhos e lutas. A dor dos familiares é inimaginável. Era para ser nosso primeiro grande encontro presencial depois da pandemia. Dessa vez esses[as] nossos(as) companheiros(as) não conseguiram chegar, mas eles construíram cada tijolinho da APP. Por isso esse dia será de homenagens a eles(as)”, disse Walkíria Mazeto, presidente da APP-Sindicato.⁴

Houve muitas falas de apoio, homenagem e solidariedade, pois eram queridos, principalmente a Joana, que havia participado da organização Geral do Sindicato, na sede, um bom tempo.

A dor da perda é grande, mas a luta deve continuar, pois as memórias dos companheiros de luta persistem e estão e estarão sempre **PRESENTES!**

4 Disponível em: <https://appsindicato.org.br/aos-nossos-mortos-nao-fazemos-silencio-dor-e-homenagens-marcam-8a-conferencia-estadual-da-app/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

Para nos inspirar

Ao chegarmos ao final deste livro, somos tomados por um profundo sentimento de admiração e respeito pelos professores e funcionários cujas vidas e histórias foram compartilhadas aqui. As entrevistas reunidas são mais do que meros relatos; são testemunhos vivos de dedicação inabalável à educação e às causas nobres que tanto defendiam.

Os professores, em suas próprias palavras e nas lembranças dos que os conheceram, deixaram claro seu compromisso com o ensino. Suas jornadas profissionais foram marcadas por um amor genuíno pelo conhecimento e pela vontade de transformar a vida de seus alunos. Cada lição ensinada, cada desafio enfrentado, foi permeado por um desejo incansável de promover uma educação de qualidade. Eles foram mais do que educadores; foram mentores, guias e defensores de um futuro melhor.

Da mesma forma, os funcionários homenageados aqui nos mostraram o verdadeiro significado de dedicação. Em suas atividades diárias, iam além do que era meramente exigido, oferecendo sempre um pouco mais de si. Com carinho, cuidado e atenção, fizeram da escola um lugar mais acolhedor e eficiente. Seu legado é um exemplo brilhante de como o trabalho árduo e o comprometimento podem fazer uma diferença significativa na vida de tantos.

Ao relembrarmos suas trajetórias, não celebramos apenas suas conquistas profissionais, mas também a humanidade e o espírito solidário que sempre demonstraram. Por meio dessas páginas, seus colegas, amigos e familiares prestaram um tributo que ressalta a importância de continuar a luta por uma educação justa e acessível para todos.

Essas histórias são um lembrete poderoso de que, mesmo diante da adversidade, o compromisso com a educação e o bem-estar dos outros pode criar um impacto duradouro. Que possamos nos inspirar na dedicação e no amor que esses profissionais demonstraram em suas vidas, mantendo vivo o espírito de união e luta por um futuro melhor.

Coletivo de Professores e Funcionários da Educação do Norte do Paraná

